

OBSERVATÓRIO DAS DESIGUALDADES
ESTUDO I JULHO DE 2021

DESEMPREGO E PRECARIEDADE LABORAL NA POPULAÇÃO JOVEM: TENDÊNCIAS RECENTES EM PORTUGAL E NA EUROPA

INÊS TAVARES | ANA FILIPA CÂNDIDO | RENATO MIGUEL DO CARMO



COMO CITAR

Tavares, Inês; Ana Filipa Cândido; e Renato Miguel do Carmo (2021), *Desemprego e Precariedade Laboral na População Jovem: Tendências Recentes em Portugal e na Europa*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte.

Disponível em <https://www.observatorio-das-desigualdades.com/2021/07/15/desemprego-e-precariedade-laboral-na-populacao-jovem-tendencias-recentes-em-portugal-e-na-europa-de-ines-tavares-ana-filipa-candido-e-renato-miguel-do-carmo/>

DOI: 10.15847/CIESODDesempregoPrecariedadeJovem

SUMÁRIO EXECUTIVO

1. EM 2020, NA EUROPA E EM PORTUGAL, VERIFICOU-SE UM AUMENTO DO DESEMPREGO JOVEM RELATIVAMENTE A 2019 (MAIS 1,7 P.P. E 4,3 P.P., RESPETIVAMENTE).

EM PORTUGAL, A TAXA DE DESEMPREGO NO ANO DE 2020 ERA DE 22,6% ENTRE OS JOVENS COM MENOS DE 25 ANOS - MAIS 5,8 P.P. QUE A MÉDIA DA UE27. COMPARATIVAMENTE COM A TAXA DE DESEMPREGO GERAL, A TAXA DE DESEMPREGO JOVEM EM PORTUGAL EM 2020 SITUAVA-SE 15,7 P.P. ACIMA.

2. EM 2020, O DESEMPREGO REGISTADO JOVEM AUMENTOU EM NÚMERO ABSOLUTO.

ESTE FENÓMENO QUE NÃO SE VERIFICAVA DESDE 2013 NO CASO DA POPULAÇÃO COM MENOS 25 ANOS E DESDE 2012 NA POPULAÇÃO COM 25-34 ANOS. O PESO RELATIVO DOS JOVENS NO DESEMPREGO REGISTADO TOTAL ESTÁ A AUMENTAR DESDE 2018.

3. EM 2020 CONSTATA-SE UMA INVERSÃO DA TENDÊNCIA DE DECRÉSCIMO DO DESEMPREGO, QUE SE VINHA VERIFICANDO NOS ÚLTIMOS ANOS. O DESEMPREGO JOVEM AUMENTOU, ACOMPANHANDO, ALIÁS, A TENDÊNCIA DO DESEMPREGO TOTAL, EMBORA NUM RITMO MAIS ACELERADO.

OS DADOS RELATIVOS AO 1º TRIMESTRE DE 2021 PARECEM INDICAR QUE ESTA TENDÊNCIA DE CRESCIMENTO SE MANTERÁ: NO CASO DA TAXA DE DESEMPREGO JOVEM, CALCULADA PELO INE, 2021 PARECE MANTER O AUMENTO VERIFICADO EM 2020

4. A TAXA DE SUBUTILIZAÇÃO DO TRABALHO JOVEM AUMENTOU EM 2020 PARA VALORES IDÊNTICOS AOS DE 2017.

5. A PERCENTAGEM DE JOVENS QUE NÃO ESTÃO NEM EMPREGADOS NEM EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO TAMBÉM INVERTE A TENDÊNCIA DE DIMINUIÇÃO QUE SE VINHA A NOTAR DESDE 2012 NO CASO DA UNIÃO EUROPEIA E DESDE 2013 NO CASO PORTUGUÊS, TENDO AUMENTADO EM 2020.

6. NOS PAÍSES DA UE27 OS JOVENS DOS 15 AOS 24 ANOS SÃO O ESCALÃO ETÁRIO MAIS AFETADO PELO TRABALHO TEMPORÁRIO. A MAIORIA DOS PAÍSES DA UE27 REGISTRARAM UMA DIMINUIÇÃO DA

PROPORÇÃO DE JOVENS NESTA SITUAÇÃO CONTRATUAL ENTRE 2019 E 2020.

EM PORTUGAL O DECRÉSCIMO FOI CERCA DE 10 P.P. ENTRE 2015 E 2020, EXISTINDO CERCA DE 56% DE JOVENS PORTUGUESES COM CONTRATOS TEMPORÁRIOS EM 2020. OS RESTANTES PAÍSES DA UE27 QUE SE DESTACAM DEVIDO À ELEVADA PROPORÇÃO DE JOVENS NESTA SITUAÇÃO CONTRATUAL SÃO ESPANHA (69%) E ITÁLIA (59%).

7. A REDUÇÃO RECENTE DA PERCENTAGEM DE JOVENS COM CONTRATOS NÃO PERMANENTES E EM SITUAÇÃO DE TRABALHO A TEMPO PARCIAL RELACIONA-SE, EM PARTE, COM AS DINÂMICAS DE AUMENTO DO DESEMPREGO QUE AFETARAM PRIMEIRAMENTE AS SITUAÇÕES CONTRATUAIS MAIS FRÁGEIS DEVIDO AO IMPACTO DA CRISE PANDÉMICA.

8. EM PORTUGAL E NA MAIORIA DOS PAÍSES DA UE27, A INCIDÊNCIA DO TRABALHO A TEMPO PARCIAL É TAMBÉM MAIS ELEVADA NA POPULAÇÃO COM IDADE ENTRE OS 15-24 ANOS DO QUE NOS RESTANTES ESCALÕES ETÁRIOS.

OS JOVENS PORTUGUESES EM TRABALHO A TEMPO PARCIAL REGISTRARAM UM DECRÉSCIMO EM 2020, CERCA DE MENOS 1 P.P. FACE A 2019, CONTABILIZANDO-SE 20% DE JOVENS NESTA SITUAÇÃO LABORAL. OS PAÍSES DA UE27 QUE SE DESTACAM DEVIDO À ELEVADA PROPORÇÃO DE JOVENS NESTA SITUAÇÃO CONTRATUAL SÃO PAÍSES BAIXOS (80%) E A DINAMARCA (63%).

9. OS JOVENS QUE SE ENCONTRAM NESTAS SITUAÇÕES INVOLUNTARIAMENTE AUMENTARAM NA MAIORIA DOS PAÍSES EUROPEUS ENTRE 2019 E 2020.

NO ENTANTO, DESTACAM-SE A ITÁLIA POR SER O PAÍS ONDE SE REGISTA A MAIOR PERCENTAGEM DE JOVENS A TRABALHAR A TEMPO PARCIAL DE FORMA INVOLUNTÁRIA (77%) E O CHIPRE SER O PAÍS COM O VALOR MAIS ELEVADO DE JOVENS EM TRABALHO TEMPORÁRIO INVOLUNTÁRIO (86%). A ROMÉLIA É UM DOS PAÍSES COM MENOR PROPORÇÃO DE JOVENS COM CONTRATOS TEMPORÁRIOS (4,9%), EMBORA UMA GRANDE PARTE SEJA POR FALTA DE CONTRATOS PERMANENTES (80%). A HOLANDA É O PAÍS COM A MAIOR PROPORÇÃO DE JOVENS EM TRABALHO A TEMPO PARCIAL DE FORMA VOLUNTÁRIA (94%).

10. PORTUGAL É O QUINTO PAÍS COM OS MAIORES NÍVEIS DE TRABALHO TEMPORÁRIO INVOLUNTÁRIO E O SÉTIMO COM MAIS JOVENS A TRABALHAR EM PART-TIME POR FALTA DE ALTERNATIVAS.

11. NO GERAL VERIFICA-SE QUE NOS PAÍSES DA UE27, TENDENCIALMENTE, AS MULHERES JOVENS TÊM PROPORCIONALMENTE MAIS CONTRATOS TEMPORÁRIOS E TRABALHAM MAIS EM PART-TIME QUE OS HOMENS.

ÍNDICE

DESEMPREGO: O DESEMPREGO JOVEM EM PORTUGAL E NA EUROPA	1
TAXA DE DESEMPREGO JOVEM EM PORTUGAL	2
TAXA DE DESEMPREGO JOVEM NA UNIÃO EUROPEIA	4
EVOLUÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO JOVEM EM PORTUGAL.....	6
DESEMPREGO REGISTADO JOVEM EM PORTUGAL	11
ALGUMAS NOTAS ACERCA DA PANDEMIA NOS DADOS DO DESEMPREGO	16
SUBUTILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO JOVEM EM PORTUGAL E NA UNIÃO EUROPEIA	17
JOVENS NEM EMPREGADOS NEM EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (NEEF)	20
EMPREGO: O DESEMPREGO JOVEM EM PORTUGAL E NA EUROPA.....	22
PRECARIEDADE LABORAL: A SITUAÇÃO CONTRATUAL DOS JOVENS EM PORTUGAL E NA EUROPA.....	26
TRABALHO TEMPORÁRIO E TRABALHO A TEMPO PARCIAL EM PORTUGAL.....	26
A EVOLUÇÃO DO TRABALHO TEMPORÁRIO E A TEMPO PARCIAL EM PORTUGAL E NA UNIÃO EUROPEIA	29
TRABALHO TEMPORÁRIO E TRABALHO A TEMPO PARCIAL NA EUROPA	32

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1. Taxa de desemprego jovem na EU27 em 2020 e 2019 e taxa de desemprego total em 2020.	4
Figura 2. Taxa de desemprego jovem na EU27, segundo nível de escolaridade, em 2020.....	6
Figura 3. Evolução da taxa de desemprego jovem e da taxa de desemprego total, Portugal e UE27, 2002-2020.	7
Figura 4. Evolução da taxa de desemprego jovem e da taxa de desemprego total, Portugal e UE27, por sexo, 2002-2020.	8
Figura 5. Evolução da taxa de desemprego jovem, Portugal e UE27, segundo o nível de escolaridade, 2005-2020.	9
Figura 6. Evolução da taxa de desemprego total, Portugal e UE27, segundo o nível de escolaridade, 2005-2020.	10
Figura 7. Evolução anual do desemprego registado jovem e da % do desemprego registado jovem no desemprego registado total, Portugal, 2000-2020.....	12
Figura 8. Evolução mensal do desemprego registado jovem e da % do desemprego registado jovem no desemprego registado total, Portugal, Janeiro 2013 - Março 2021.....	13
Figura 9. Evolução anual do desemprego registado jovem, Portugal, por sexo, 2000-2020.....	14
Figura 10. Evolução anual da % do desemprego registado jovem no desemprego registado total, Portugal, por sexo, 2000-2020.....	15
Figura 11. Evolução mensal do desemprego registado jovem e da % do desemprego registado jovem, Portugal, Fevereiro 2020 - Maio 2021	15
Figura 12. Evolução da taxa de subutilização da força de trabalho jovem e da taxa de desemprego jovem, Portugal, 2011-2020.....	18
Figura 13. Evolução da taxa de subutilização da força de trabalho jovem, Portugal, segundo grupo etário, 2011-2020.	19
Figura 14. Evolução da % de jovens que não estão nem empregados nem em educação e formação (NEEF), Portugal e UE27, 2006-2020.	20
Figura 15. Evolução da % de jovens que não estão nem empregados nem em educação e formação (NEEF), Portugal e UE27, por sexo, 2006-2020.	21
Figura 16. Evolução da taxa de emprego jovem e da taxa de emprego total, Portugal e UE27, 2002- 2020	24

Figura 17. Trabalhadores por conta de outrem, por tipo de contrato, Portugal, 2006-2020.....	29
Figura 18. Evolução de jovens a trabalhar a tempo parcial e proporção de indivíduos nessa situação de forma involuntária, em Portugal e na UE27, entre 2006 e 2020.....	30
Figura 19. Evolução de jovens a contratos temporários e proporção de indivíduos nessa situação de forma involuntária, em Portugal e na UE27, entre 2006 e 2020.	31
Figura 20. Trabalhadores com contratos temporários, UE27, por grupo etário, 2020	32
Figura 21. Trabalhadores a tempo parcial, UE27, por grupo etário, 2020	33
Figura 22. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos temporários, na UE27, em 2020, 2019 e 2015	34
Figura 23. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos temporários, por sexo, na UE27, em 2020.....	36
Figura 24. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos temporários involuntários, na UE27, em 2020, 2019 e 2015.....	37
Figura 25. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos a tempo parcial, na UE27, em 2020, 2019 e 2015.	38
Figura 26. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos a tempo parcial, por sexo, na UE27, em 2020.....	39
Figura 27. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos a tempo parcial involuntários, na UE27, em 2020, 2019 e 2015.....	40
Figura 28. Relação entre trabalho temporário involuntário e trabalho a tempo parcial involuntário, 15-24 anos, 2020.....	42
Quadro 1. Taxa de desemprego jovem em Portugal, por sexo e nível de escolaridade, 2019 e 2020. 2	
Quadro 2. Taxa de desemprego jovem em Portugal, por sexo e nível de escolaridade, 1º trimestre de 2021.	3
Quadro 3. Taxa de emprego jovem em Portugal, por sexo e nível de escolaridade, 2019 e 2020. ...	22
Quadro 4. Taxa de emprego jovem em Portugal, por sexo e nível de escolaridade, 1º trimestre de 2021.	23
Quadro 5. Jovens em contratos temporários e trabalho a tempo parcial, em 2019 e 2020, em Portugal	26

Em 2020, na Europa e em Portugal, verificou-se um aumento do desemprego jovem relativamente ao ano anterior (mais 1,7 p.p. e 4,3 p.p., respetivamente). Em Portugal, a taxa de desemprego no ano de 2020 era de 22,6% entre os jovens com menos de 25 anos – mais 5,8 p.p. que a média da UE27. Comparativamente com a taxa de desemprego geral, a taxa de desemprego jovem em Portugal em 2020 situava-se 15,7 p.p. acima. A taxa de subutilização do trabalho jovem aumentou em 2020 para valores idênticos aos de 2017.

A medida oficial do desemprego em Portugal é determinada pelo INE (Instituto Nacional de Estatística), sendo calculada com as estimativas obtidas a partir do Inquérito ao Emprego sobre a população empregada e a população desempregada. A taxa de desemprego permite definir a relação entre a população desempregada e a população ativa (que corresponde à soma da população empregada com a população desempregada), sendo calculada da seguinte forma: $(\text{População desempregada} / \text{População ativa}) \times 100$.¹ Nos próximos pontos analisam-se a taxa de desemprego e a taxa de desemprego jovem, correspondente à taxa de desemprego da população com 15-24 anos e à população com 25-29 anos.

¹ O INE é a fonte estatística oficial que apura o desemprego a nível nacional através do Inquérito ao Emprego (inquérito por amostragem). A sua recolha é trimestral, sendo classificados como desempregados os indivíduos com idade compreendida entre os 15 anos e os 74 anos que, no período de referência, se encontravam simultaneamente nas seguintes situações: não tinham um trabalho remunerado nem qualquer outro; tinham procurado ativamente um trabalho remunerado ou não, ao longo de um período específico (no período de referência ou nas três semanas anteriores); e estavam disponíveis para trabalhar num trabalho remunerado ou não.

TAXA DE DESEMPREGO JOVEM EM PORTUGAL

Como se pode observar no Quadro 1, entre 2019 e 2020 existe um aumento da taxa de desemprego jovem, independentemente do segmento etário: mais 4,3 pontos percentuais (p.p.) nos jovens entre 15 e 24 anos (de 18,3% para 22,6%) e mais 2,7 p.p. nos jovens entre 25 e 29 anos (de 8,3% para 11%). Em 2020, para os dois escalões etários, o desemprego jovem afeta com maior intensidade os jovens com o ensino básico (25,8% e 15,5%, respetivamente), logo seguido pelos jovens com o ensino superior (24,1% e 9,8%, respetivamente). Uma leitura dos dados segundo as habilitações permite também verificar o aumento geral do desemprego face a 2019, destacando-se as seguintes situações: o maior aumento foi no segmento etário 15-24 anos com o ensino superior (6,5 p.p., de 17,6% para 24,1%) e o menor aumento foi igualmente nos jovens com habilitações de ensino superior mas no segmento dos 25-29 anos (1 p.p., de 8,8% para 9,8%).

Quadro 1. Taxa de desemprego jovem em Portugal, por sexo e nível de escolaridade, 2019 e 2020.

	Total			Homens			Mulheres		
	2019	2020	2020-2019 (p.p.)	2019	2020	2020-2019 (p.p.)	2019	2020	2020-2019 (p.p.)
Taxa desemprego jovem									
15-24	18,3	22,6	4,3	15,5	21,0	5,5	21,4	24,4	3,0
25-29	8,3	11,0	2,7	8,0	11,6	3,6	8,6	10,6	2,0
Com ensino superior									
15-24	17,6	24,1	6,5	-	24,7	-	18,8	23,8	5,0
25-29	8,8	9,8	1,	10,0	13,2	3,2	8,1	7,5	-0,6
Com ensino secundário									
15-24	16,0	20,9	4,9	12,0	17,6	5,6	20,7	25,0	4,3
25-29	6,8	10,9	4,1	6,9	9,4	2,5	6,7	12,7	6,0
Com ensino básico									
15-24	24,1	25,8	1,7	22,2	26,6	4,4	27,6	-	-
25-29	10,3	15,5	5,2	-	13,6	-	15,3	18,7	3,4

O desemprego jovem para mulheres e homens também aumentou nos dois escalões etários, tendo subido mais significativamente nos homens do que nas mulheres. Se em 2019 eram as mulheres que tinham taxas de desemprego mais elevadas (21,4% nos 15-24 anos e 8,6% nos 25-29 anos para 15,5% e 8% nos homens, respetivamente), em 2020 as mulheres continuam com taxas de desemprego mais elevadas no segmento nos 15-24 anos (24,4% para 21% dos homens) mas é nos homens que a taxa de desemprego dos 25-29 anos é superior (11,6% para 10,6% nas mulheres). Em 2020 o valor mais elevado de desemprego encontra-se no segmento etário dos 15-24 anos, em indivíduos com o ensino básico. A maior disparidade entre homens e mulheres situa-se no segmento 15-24 anos com o ensino secundário, tendo as mulheres mais 7,4 p.p. que os homens.

Em 2020, de acordo com os dados disponíveis, o desemprego apenas diminuiu no caso das jovens do sexo feminino no escalão etário 25-29 anos e com o ensino superior (menos 0,6 p.p., de 8,1% para 7,5%).

Quadro 2. Taxa de desemprego jovem em Portugal, por sexo e nível de escolaridade, 1º trimestre de 2021.

	Total	Homens	Mulheres
Taxa desemprego jovem	24,1	18,9	30,7
Com ensino superior	27,7	26,2	28,4
Com ensino secundário	19,7	13,6	30
Com ensino básico	29,9	24,4	42,3

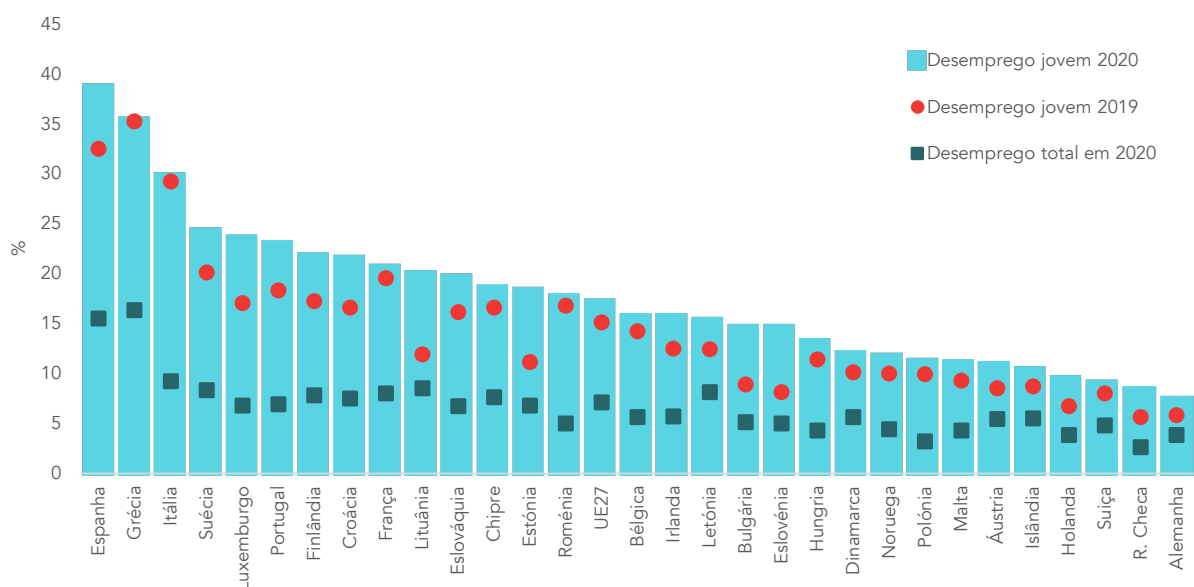
O maior aumento do desemprego, em ambos os sexos, foi no segmento com o ensino secundário: nos jovens do sexo masculino, entre os 15-24 anos, mais 5,6 p.p. (de 12% para 17,6%) e nas jovens entre 25-29 anos, em 6 p.p. (de 6,7% para 12,7%). O Quadro 2 reporta os indicadores analisados no Quadro 1 mas relativos à população dos 16-24 anos no 1º trimestre de 2021. Os dados relativos ao 1º trimestre de 2021 indicam que o desemprego jovem mantém a tendência de aumento (mais 4,4 p.p. que o 1º trimestre de 2020).

O fosso entre homens e mulheres está a acentuar-se, representando no 1º trimestre de 2021 uma diferença de 11,8 p.p.. Os jovens mais afetados pelo desemprego são os que possuem o ensino básico (29,9% de taxa de desemprego), sendo que as mulheres com o ensino básico representam um segmento especialmente preocupante (42,3% de taxa de desemprego). Os homens com o ensino secundário parecem ser os que são menos afetados pelo desemprego (13,6% de desemprego).

TAXA DE DESEMPREGO JOVEM NA UNIÃO EUROPEIA

Em 2020, cerca de 16,8% dos jovens europeus, entre os 15 e os 24 anos, encontravam-se numa situação de desemprego, mais 1,7 p.p. que em 2019, como se pode constatar na Figura 1.

Figura 1. Taxa de desemprego jovem na EU27 em 2020 e 2019 e taxa de desemprego total em 2020.



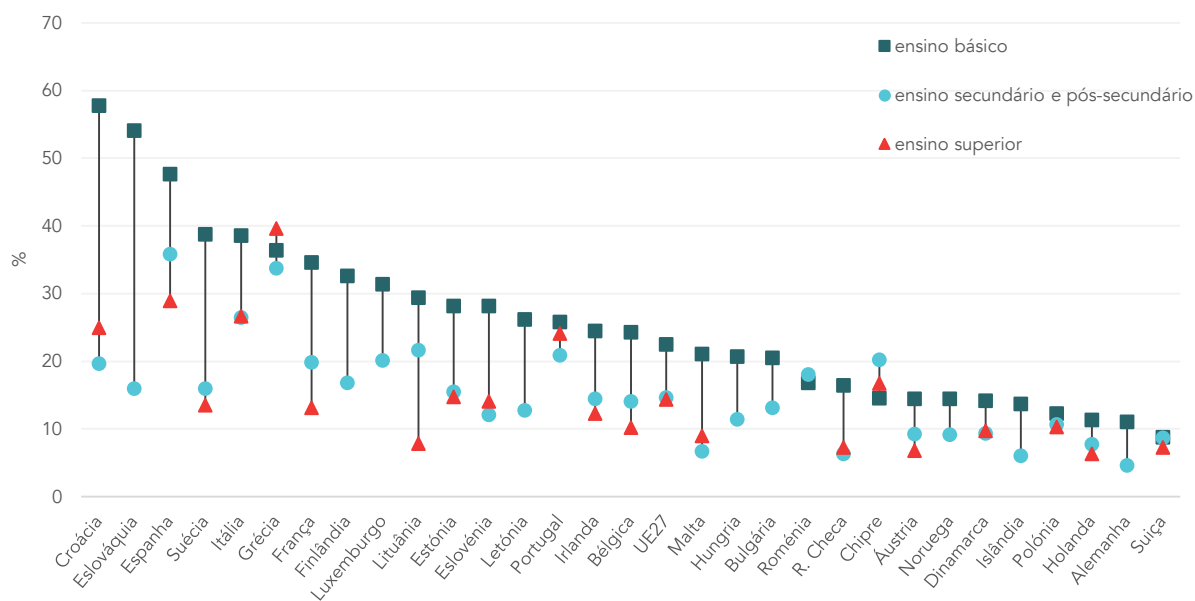
Para a maioria dos países da União Europeia, o desemprego jovem subiu entre 2019 e 2020, exceto na Grécia, em que diminuiu 0,2 p.p. (de 35,2% para 35%). Entre este período, a maior subida do indicador foi registada na Lituânia (7,7 p.p.), seguida da

Estónia (6,8 p.p.), do Luxemburgo (6,2 p.p.), da Eslovénia (6,1 p.p.), de Espanha (5,8 p.p.) e da Bulgária (5,3 p.p.). Os países que apresentam maiores níveis de desemprego jovem em 2020 são Espanha (38,3%), Grécia (35%), Itália (29,4%), Suécia (23,9%), Luxemburgo (23,2%) e Portugal (22,6%), sendo assim o sexto país com níveis de desemprego jovem mais elevados.

Como é notório na Figura 1, todos os países da União Europeia apresentam taxas de desemprego jovem bastante superiores à do desemprego geral, sendo essa diferença de 9,7 p.p. na média da UE27. Os países que apresentam maiores discrepâncias são Espanha (22,8 p.p.), Itália (20,2 p.p.), Grécia (18,7 p.p.), Luxemburgo (16,4 p.p.), Portugal (15,7 p.p.), Suécia (15,6 p.p.), Finlândia e Croácia (ambos com 13,6 p.p.). O país que apresenta a discrepância mais reduzida é a Alemanha, com uma diferença de 3,2 p.p., país também pautado pelas baixas taxas de desemprego jovem (7%).

Na Figura 2 apresenta-se a taxa de desemprego jovem, para indivíduos entre 15 e 24 anos, segundo o nível mais elevado de escolaridade. Na maioria dos países da União Europeia, quanto mais elevado é o nível de escolaridade, mais baixa é a taxa de desemprego, reforçando a importância da escola e do diploma escolar. No entanto, existem algumas exceções: na Grécia e no Chipre, a taxa de desemprego é mais elevada no ensino superior do que no ensino básico. Na Roménia e no Chipre, a taxa de desemprego é mais elevada no ensino secundário ou pós-secundário do que no ensino básico. E na Croácia, Itália, Grécia, Eslovénia, Portugal, Malta, República Checa e Dinamarca, a taxa de desemprego é mais elevada no ensino superior do que no ensino secundário e pós-secundário.

Figura 2. Taxa de desemprego jovem na EU-27, segundo nível de escolaridade, em 2020.

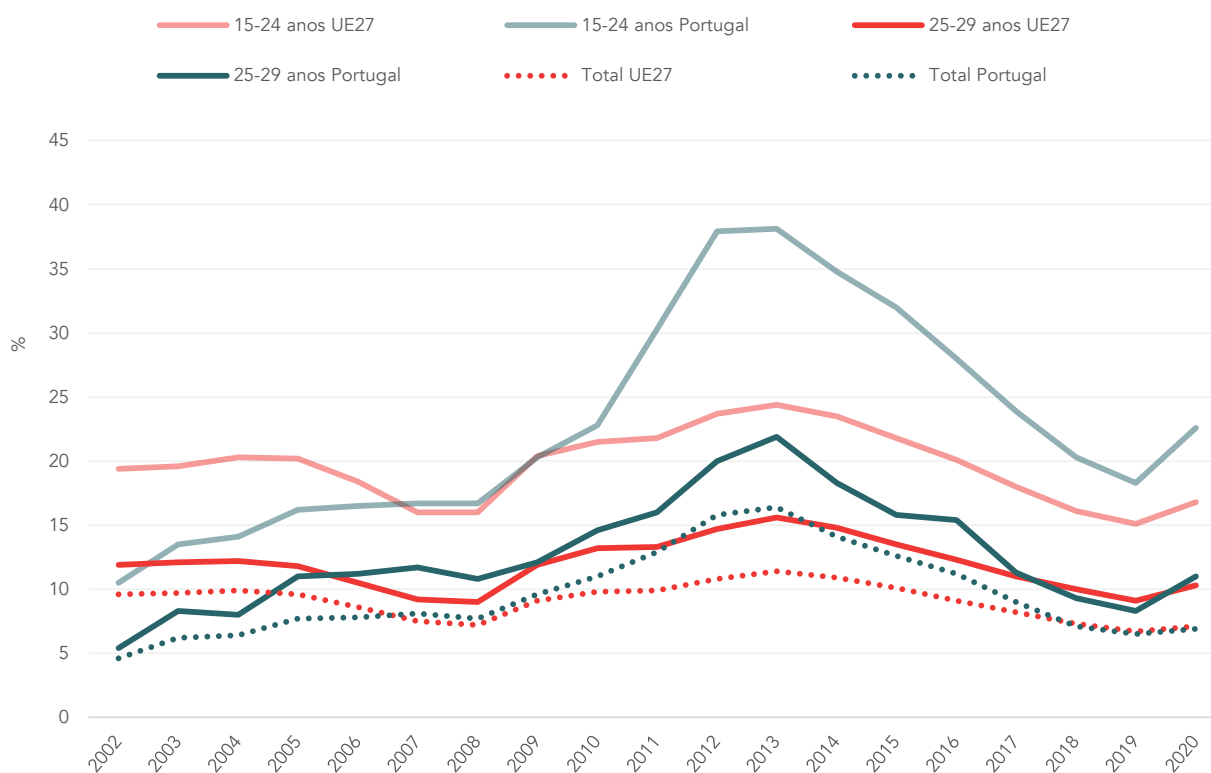


Na média europeia, a taxa de desemprego em jovens com o ensino básico (22,5%) era consideravelmente mais elevada que a taxa de desemprego entre os jovens com o ensino superior (14,4%) ou os jovens com o ensino secundário (14,7%).

EVOLUÇÃO DA TAXA DE DESEMPREGO JOVEM EM PORTUGAL

Na Figura 3 analisa-se a evolução da taxa de desemprego jovem em Portugal e na média da UE27, para jovens dos 15-24 anos e dos 25-29 anos, desde 2002 até 2020. Em Portugal, o aumento da taxa de desemprego foi sempre constante até 2013, sendo que o grupo dos 15-24 anos apresentou sempre uma taxa mais elevada. Neste ano, para os dois escalões, o indicador assumiu o valor mais elevado do período: 38,1% nos jovens entre os 15-24 anos, mais 27,6 pontos percentuais do que em 2002; e 21,9% no escalão mais velho, mais 17,5 p.p. do que em 2002. Desde 2013 que a taxa de desemprego jovem em Portugal tem vindo a diminuir consistentemente, tendo aumentado apenas no último ano em análise, 2020.

Figura 3. Evolução da taxa de desemprego jovem e da taxa de desemprego total, Portugal e UE27, 2002-2020.

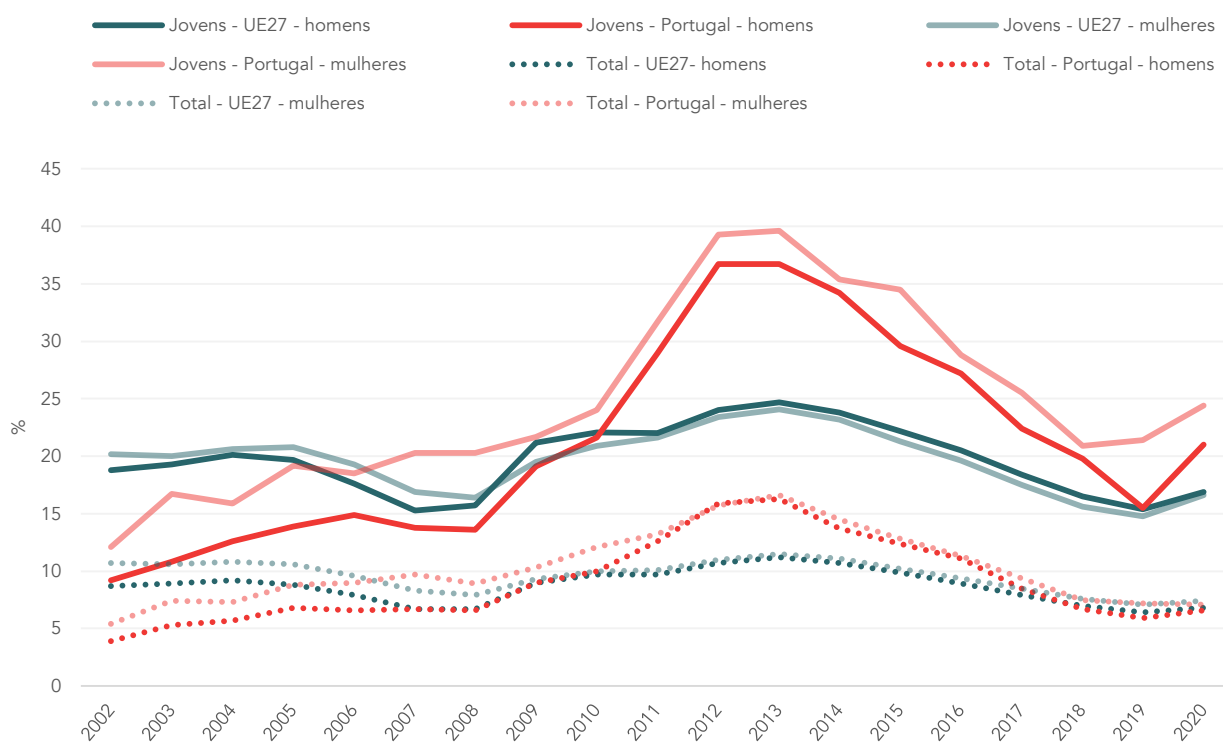


A média da UE27 também atinge o seu pico em 2013 para ambos os escalões etários, embora tenha mais oscilações desde 2002. A partir desse ano, e à semelhança do caso português, foi diminuindo a taxa progressivamente até 2020. Nos primeiros anos em análise, Portugal tinha valores de desemprego inferiores à média da UE27 para o mesmo escalão, tendo-se invertido esta tendência entre 2006 e 2008, passando Portugal a apresentar taxas superiores. No entanto, no caso do escalão etário 25-29 anos e do total de desemprego, desde 2017 que os valores se encontram em linha com os da média da UE27, permanecendo ainda o escalão 15-24 anos com taxas de desemprego superiores (em 2020 a diferença relativamente à média da UE27 era de 5,8 p.p.).

Quando se comparam as taxas de desemprego jovem com a taxa de desemprego total, é notório que o desemprego jovem é sempre superior, tendência ainda mais vincada quando se analisa o grupo etário dos 15 aos 24 anos.

A Figura 4 contempla a evolução da taxa de desemprego jovem, dos indivíduos entre os 15-24 anos, e a taxa de desemprego geral, segundo o sexo, para Portugal e para a média da UE27.

Figura 4. Evolução da taxa de desemprego jovem e da taxa de desemprego total, Portugal e UE27, por sexo, 2002-2020.



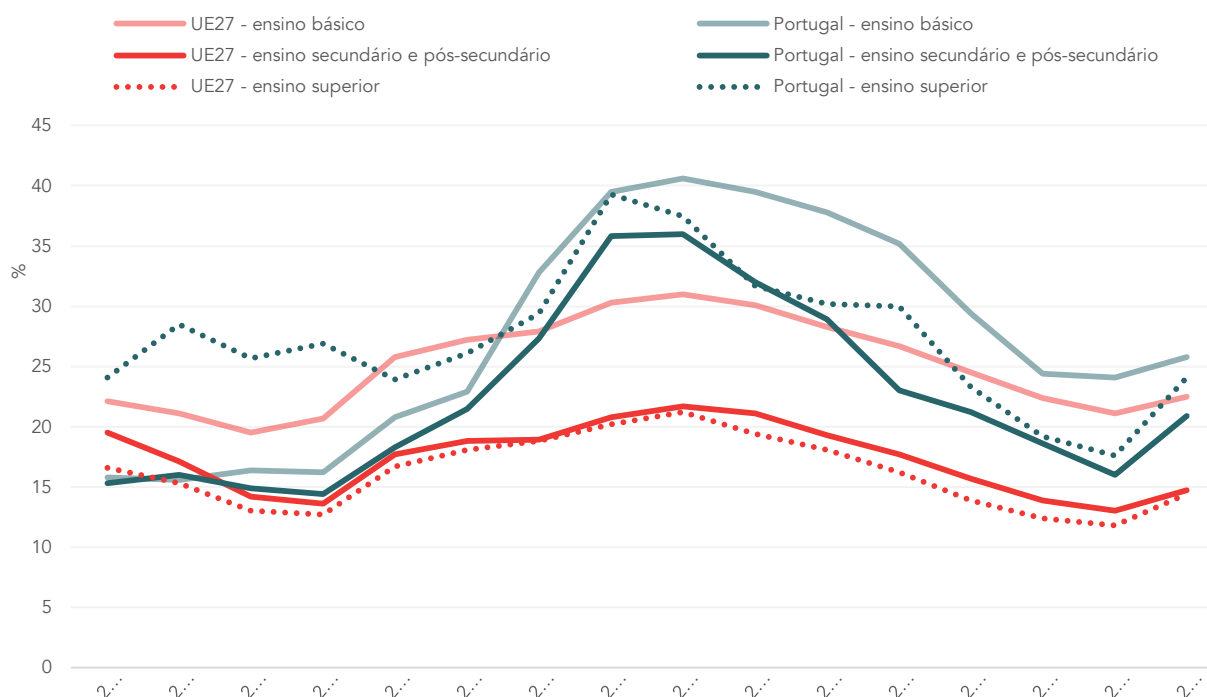
Em termos globais, em Portugal as mulheres tiveram sempre uma taxa de desemprego superior (em 2020, o valor desse indicador situava-se nos 24,4% e para os homens em 21%, uma diferença de 3,4 p.p.). No contexto europeu, até 2008 as mulheres também apresentavam taxas de desemprego jovem superiores à dos homens, porém a partir de 2009 a taxa de desemprego jovem dos homens é superior à das mulheres, sendo que em 2020 essa diferença foi residual (16,9% nos homens e 16,6% nas mulheres, uma diferença de 0,3 p.p.).

Tanto em Portugal como na UE27, as taxas de desemprego jovem desagregadas por sexo são sempre superiores às taxas de desemprego totais. Nos últimos anos, a

disparidade entre as taxas de desemprego jovens e totais são maiores no caso português, apresentando em 2020 uma diferença de 17,3 p.p. nas mulheres e 14,4 p.p. nos homens, enquanto na UE27 o fosso é de 9,2 p.p. nas mulheres e 10,1 p.p. nos homens. É ainda de ressaltar os valores elevados de Portugal em 2012 e 2013, anos em que tanto as mulheres como os homens apresentavam taxas de desemprego jovem muito significativas (entre os 34% e os 40%, com diferenças de mais de 20 p.p. para o desemprego total).

A Figura 5 apresenta a evolução da taxa de desemprego jovem, de indivíduos dos 15 aos 24 anos, segundo o nível de escolaridade, para Portugal e para a média da UE27. A Figura 6 utiliza os mesmos critérios mas reporta-se à taxa de desemprego total.

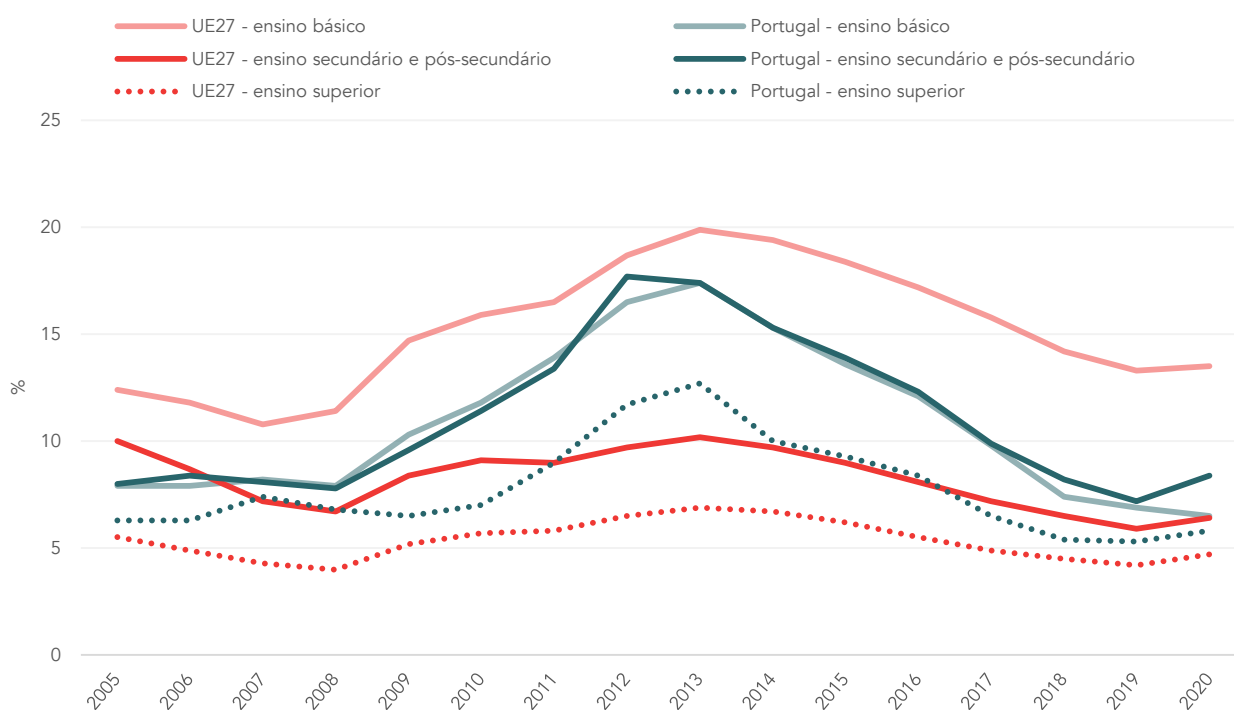
Figura 5. Evolução da taxa de desemprego jovem, Portugal e UE27, segundo o nível de escolaridade, 2005-2020.



Quando se observa a Figura 6, relativa ao desemprego total, a população com o ensino superior é a que tem menores taxas de desemprego tanto em 2005 como em 2020, no entanto o mesmo não acontece quando se analisam as taxas de

desemprego jovem, relativas a indivíduos com 15-24 anos, ilustradas na Figura 5. Em 2005, Portugal tinha uma taxa de desemprego jovem bastante elevada para a população com o ensino superior, com uma diferença de 8,3 p.p. relativamente à população com o ensino básico. No mesmo ano, e em tendência oposta, a média da União Europeia apresentava uma taxa de desemprego jovem inferior na população com o ensino superior em comparação com a população com o ensino básico, existindo uma diferença de -5,5 p.p..

Figura 6. Evolução da taxa de desemprego total, Portugal e UE27, segundo o nível de escolaridade, 2005-2020.



Em 2020, último ano em análise, a taxa de desemprego jovem na UE27 para a população com o ensino superior (14,4%) é a mais baixa entre as taxas de 2020 analisadas na Figura 5, embora com valores próximos à taxa de desemprego jovem na UE27 da população com o ensino secundário ou pós-secundário (14,7%, mais 0,3 p.p.). No entanto, a taxa de desemprego jovem na UE27 é bastante inferior à taxa de desemprego da população com o ensino básico (22,5%, menos 8,1 p.p.). O mesmo não se sucede no caso português: a taxa de desemprego da população com o ensino

superior (24,1%) é mais reduzida quando comparada com a taxa da população com o ensino básico (25,8%, menos 2,7 p.p.), mas mais elevada do que a da população com o ensino secundário e pós-secundário (20,9%, mais 3,2 p.p.). O segmento da população com estes níveis de escolaridade é o que apresenta a taxa de desemprego mais baixa em Portugal, contrariamente ao que se sucede na UE27 e na taxa de desemprego total.

DESEMPREGO REGISTADO JOVEM EM PORTUGAL

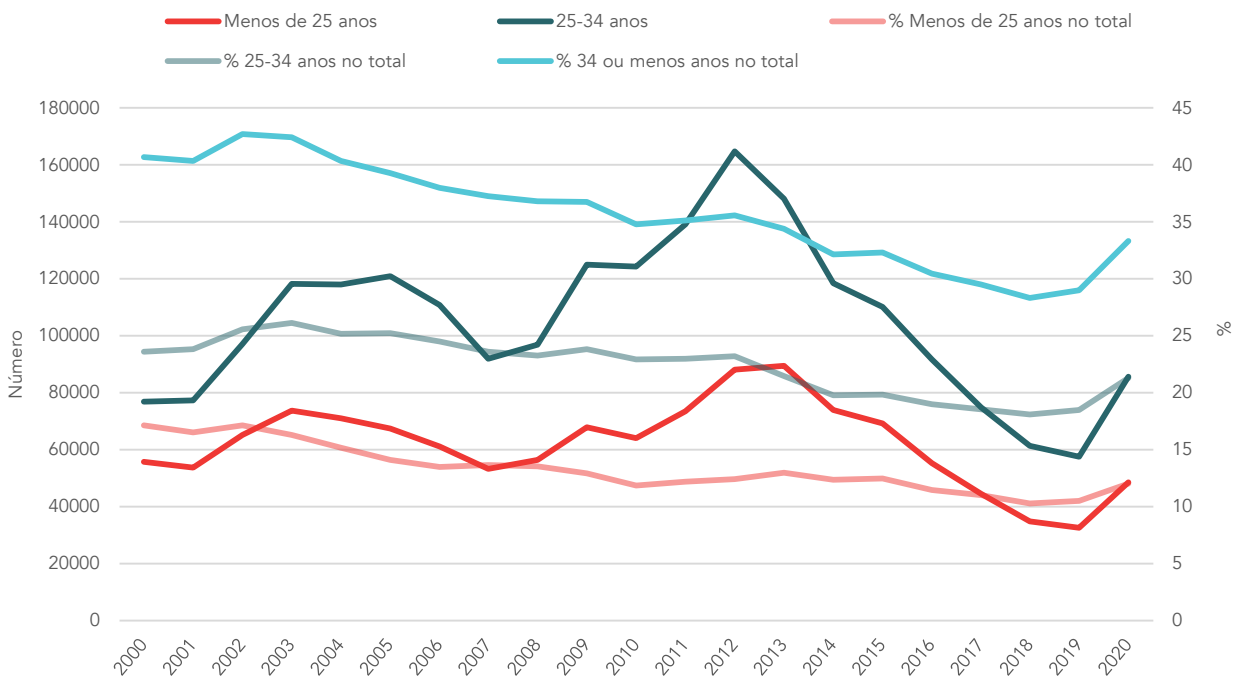
Enquanto nos pontos anteriores se analisou a taxa de desemprego total e jovem, neste ponto aborda-se o desemprego registado jovem e a sua percentagem no desemprego registado total.

O desemprego registado é medido pelo IEFP (Instituto do Emprego e Formação Profissional) e consiste na recolha direta da procura de emprego, diariamente, através da Rede de Centros de Emprego ou Serviços de Emprego dos Centros de Emprego e Formação Profissional (estatísticas administrativas), sendo classificados como desempregados os candidatos inscritos num Centro de Emprego com idade mínima de 16 anos (salvo as exceções previstas na Lei), que não tenham trabalho, procuram um emprego como trabalhador por conta de outrem, estão imediatamente disponíveis e têm capacidade para o trabalho.²

² Os dados divulgados pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) acerca do desemprego registado medem a expressão administrativa dos indivíduos que se inscrevem nos Centros de Emprego como candidatos a uma colocação no mercado de trabalho. Os dados do IEFP não permitem calcular uma taxa de desemprego nem relevam para efeito de cálculo das estimativas do emprego e do desemprego divulgadas pelo INE e analisada nos pontos anteriores.

Na Figura 7 analisa-se a evolução do desemprego registado jovem e da percentagem do desemprego registado jovem no desemprego registado total em Portugal.

Figura 7. Evolução anual do desemprego registado jovem e da % do desemprego registado jovem no desemprego registado total, Portugal, 2000-2020.

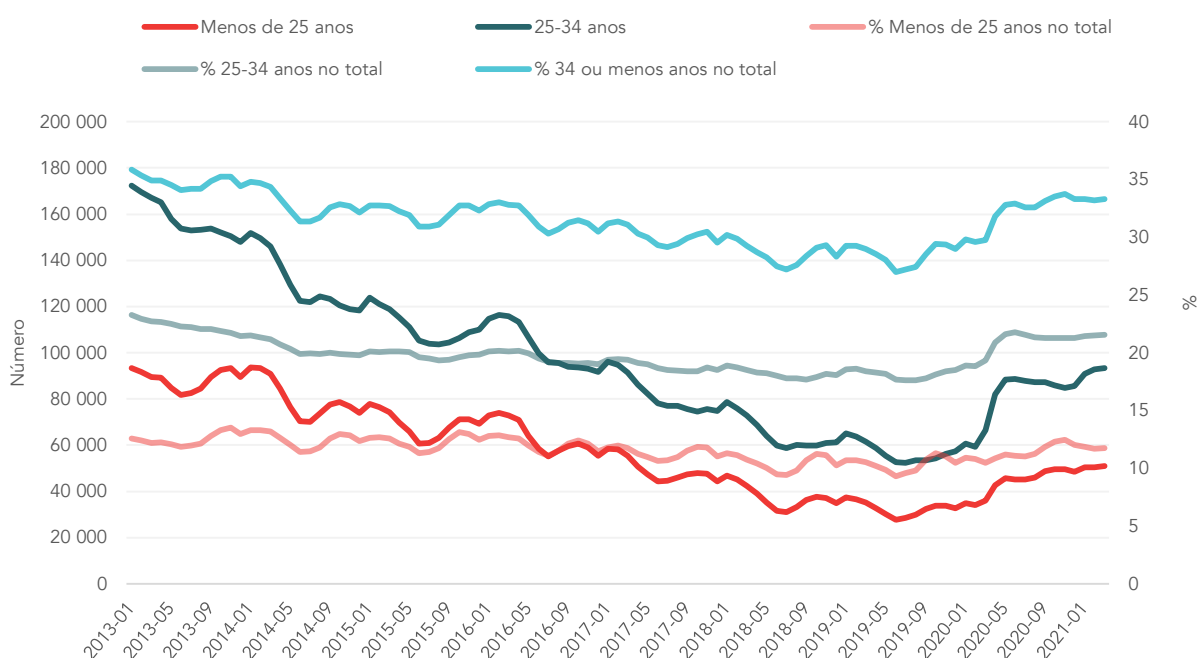


Como se pode observar, os jovens com 25-34 anos têm maior peso tanto em número absoluto como na percentagem total do desemprego registado que os jovens com menos de 25 anos. Quando se analisa a evolução de 2000 a 2020, compreende-se que embora o peso relativo de ambos os escalões etários se tenha mantido relativamente uniforme entre si, existiu uma descida progressiva desde 2003 até 2018, ano em que começou a aumentar. Quando se analisa o número absoluto, é notório um pico do desemprego registado jovem entre 2011 e 2014, pico que abrangeu toda a população, uma vez que o seu peso relativo não aumenta consideravelmente.

Em 2020, último ano em análise, o desemprego registado aumentou em número absoluto, fenómeno que não se verificava desde 2013 no caso da população com menos de 25 anos e desde 2012 na população com 25-34 anos.

A Figura 8 reporta-se aos mesmos dados que a Figura 7 mas a análise em vez de ser anual é mensal.

Figura 8. Evolução mensal do desemprego registado jovem e da % do desemprego registado jovem no desemprego registado total, Portugal, Janeiro 2013 - Março 2021.

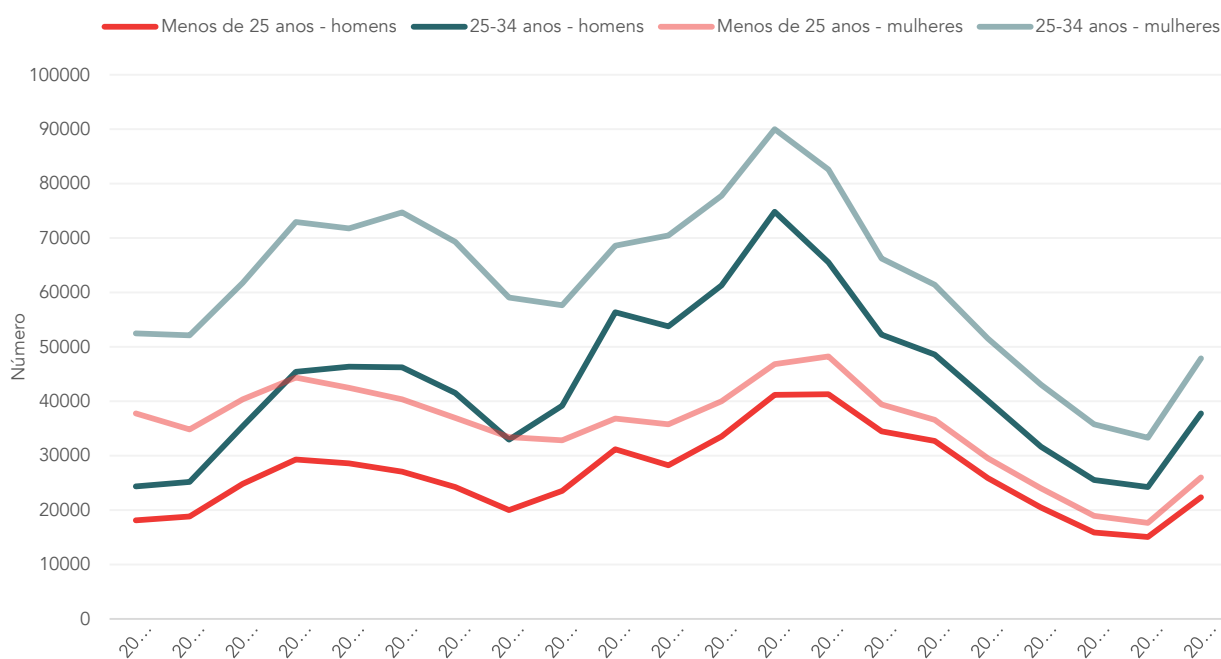


Desde 2013 que o número de desempregados registados tem vindo a diminuir progressivamente até 2020, ano em que ocorre uma inversão desta tendência, com um aumento que parece manter-se em 2021. Esse aumento é especialmente acentuado no segmento dos 25-34 anos e expressou-se com maior clareza na transição de março para abril de 2020, mês em que aumentou 15.633 o número de desempregados de 25-34 anos, os chamados "desempregados imediatos da pandemia".

A Figura 9 refere-se à evolução do desemprego registado jovem por sexo em Portugal e a Figura 10 à percentagem do desemprego registado jovem no desemprego registado total, também por sexo, em Portugal.

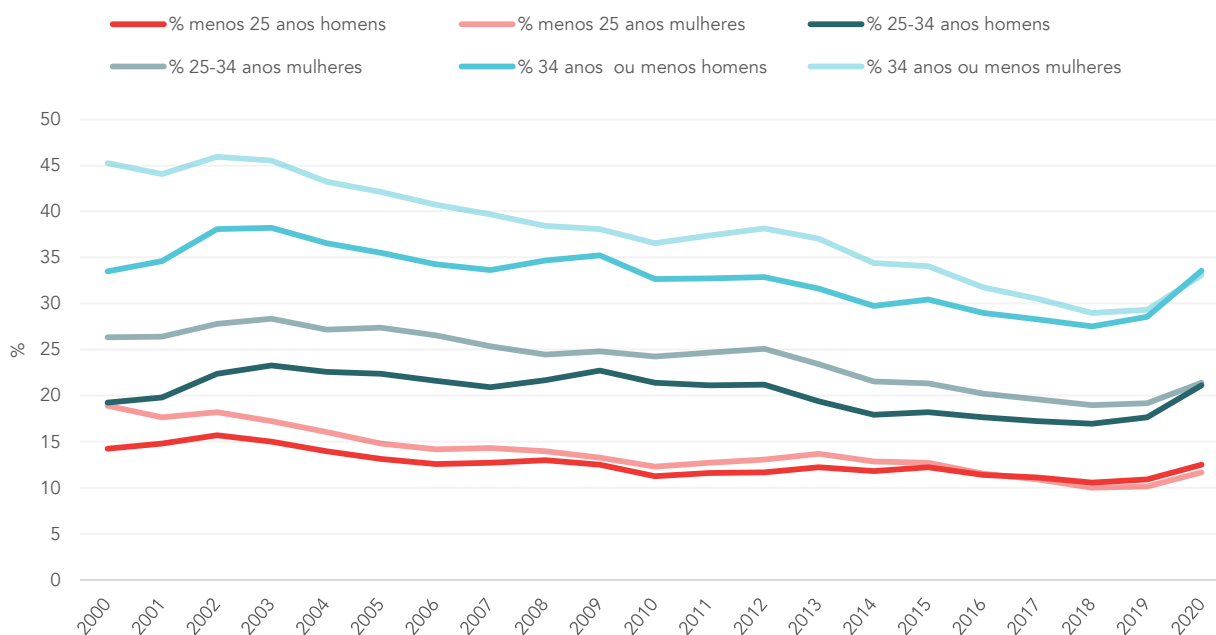
O desemprego registado jovem em Portugal, medido em número absoluto, é sempre superior no sexo feminino, quando se analisa o mesmo escalão etário. É de notar que a disparidade do número de desempregados registados entre homens e mulheres é sempre superior no segmento 25-34 anos do que no grupo menos 25 anos, durante todos os anos em análise.

Figura 9. Evolução anual do desemprego registado jovem, Portugal, por sexo, 2000-2020.



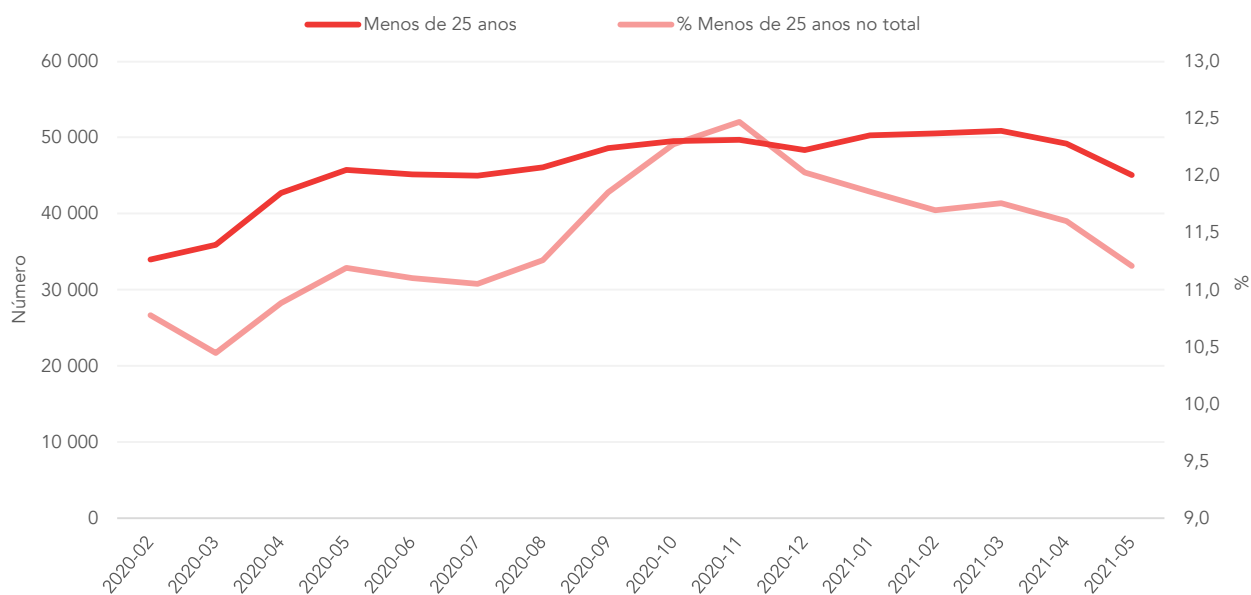
A Figura 10 permite uma análise diferente, ilustrando a importância de cada um dos indicadores da Figura 9 no universo de todos os desempregados registados. No total dos desempregados registados, a população com 34 ou menos anos em 2020 representava 33,6% no sexo masculino e 33,1% no sexo feminino, ambos correspondendo a cerca de 1/3 da população. De uma perspetiva relativa, os homens são os mais afetados pelo desemprego neste segmento etário.

Figura 10. Evolução anual da % do desemprego registado jovem no desemprego registado total, Portugal, por sexo, 2000-2020.



Na Figura 11 apresenta-se a evolução mensal do desemprego registado jovem e da percentagem do desemprego registado jovem, dos indivíduos com menos de 25 anos, entre fevereiro de 2020 e maio de 2021, por forma a compreender-se com maior detalhe o impacto da pandemia no desemprego registado.

Figura 11. Evolução mensal do desemprego registado jovem e da % do desemprego registado jovem, Portugal, Fevereiro 2020 - Maio 2021



Desde fevereiro de 2020 que o número de desempregados registados jovens tem vindo a aumentar progressivamente, embora desde março de 2021 até maio de 2021 se note uma ligeira descida. No último mês em análise da Figura 11, maio de 2021, existem 45.070 desempregados registados com menos de 25 anos, mais 11.071 pessoas em comparação com fevereiro de 2020, primeiro mês desta análise. Assim, e para se compreender a grandeza dos números, entre estes dois meses existe uma taxa de variação de 32,6%.

Quando se analisa a percentagem que assumem os desempregados registados jovens com menos de 25 anos no desemprego registado total, a evolução não é tão linear. A percentagem vai aumentando de forma relativamente oscilante até novembro de 2020, mês em que atinge o seu pico (12,5%) dentro do período em análise, e a partir daí o seu peso no desemprego registado total vai descendo progressivamente, representando em maio de 2021 11,2%, retomando valores de agosto de 2020.

ALGUMAS NOTAS ACERCA DA PANDEMIA NOS DADOS DO DESEMPREGO

No final desta análise relativa aos dados do desemprego jovem, é de notar que em 2020 está-se perante uma inversão da tendência de decréscimo do desemprego, que se vinha verificando nos últimos anos. De facto, em 2020 tal não se sucede, tendo o desemprego jovem aumentado, acompanhando, aliás, a tendência do desemprego total, embora num ritmo mais acelerado. Assim, coloca-se a questão de saber se esse aumento será um momento passageiro, resultante da crise pandémica que se atravessa, não tendo repercussões de maior relevo no futuro ou se, pelo contrário, poderá vir a constituir-se como uma tendência de subida que se manterá e consolidará no médio e longo prazo. Os dados relativos ao 1º trimestre de 2021

parecem indicar que esta tendência de crescimento se manterá: no caso da taxa de desemprego, calculada pelo INE, 2021 parece manter o aumento verificado em 2020, sobretudo para as mulheres, que registam uma taxa de desemprego substancialmente superior à dos homens (mais 11,8 p.p.). No caso do desemprego registado, o 1º trimestre de 2021 também parece aprofundar o aumento do número de desempregados jovens registados, embora a proporção desses jovens no total do desemprego se mantenha próxima dos valores de 2020. Ainda assim, é de notar que nos dois meses posteriores (abril e maio de 2021), tanto o número de desempregados registados com menos de 25 anos, como o seu peso no total do desemprego registado parecem estar a diminuir progressivamente. Será necessário manter uma análise atenta aos dados do desemprego jovem no futuro próximo para compreender como este se irá comportar, sabendo que os dados disponíveis até ao momento não auguram uma quebra na tendência de aumento do desemprego jovem registado até ao momento.

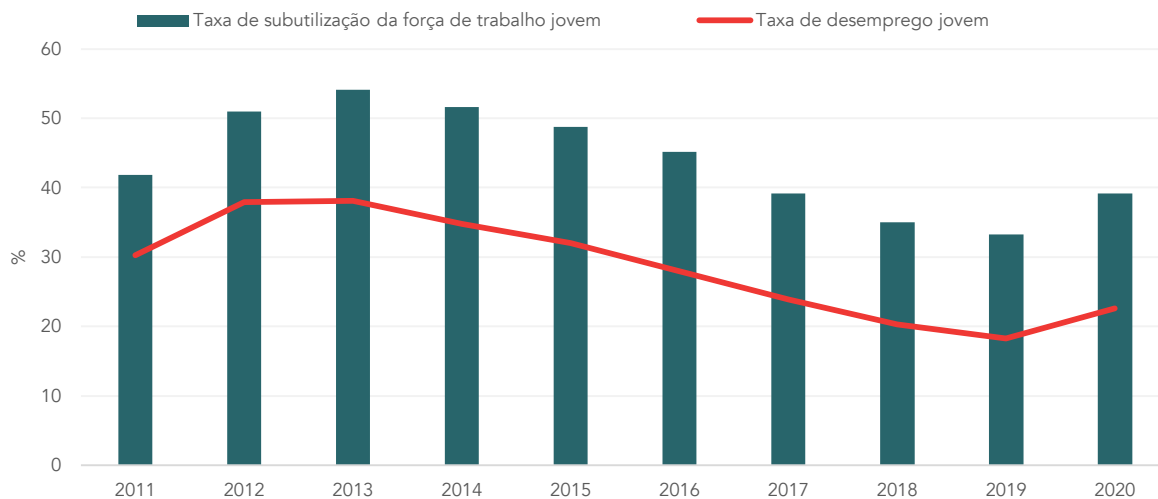
SUBUTILIZAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO JOVEM EM PORTUGAL E NA UNIÃO EUROPEIA

A taxa de subutilização da força de trabalho é um indicador estatístico através do qual é possível complementar e aprofundar a análise do desemprego, alargando o alcance da mesma a situações próximas deste fenómeno. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) propôs que, para além do fenómeno do desemprego, fosse também medida a subutilização do trabalho, indicador em relação ao qual várias instituições têm disponibilizado informação. Do ponto de vista metodológico, enquanto a taxa de desemprego resulta da divisão dos desempregados pela população ativa (população desempregada + população empregada), a lógica que preside ao cálculo da taxa de subutilização do trabalho é diferente. Desde logo porque o seu numerador

resulta da soma da taxa de desemprego e de outras três variáveis (o subemprego do trabalho a tempo parcial; os inativos à procura de emprego mas não disponíveis; e os desencorajados, isto é, os inativos disponíveis para trabalhar mas que não procuram trabalho). Ou seja, tem em consideração situações estatisticamente classificadas como sendo de emprego, desemprego e inatividade. Também a lógica de formação do denominador deste indicador tem particularidades: resulta da soma da população ativa e da força de trabalho potencial (os dois tipos de inatividade mencionados), equivalendo à força de trabalho alargada (*extended labour force*).

A Figura 12 retrata a evolução da taxa de subutilização da força de trabalho jovem e da taxa de desemprego jovem, ambas para indivíduos do segmento etário 15-24 anos, em Portugal.

Figura 12. Evolução da taxa de subutilização da força de trabalho jovem e da taxa de desemprego jovem, Portugal, 2011-2020.



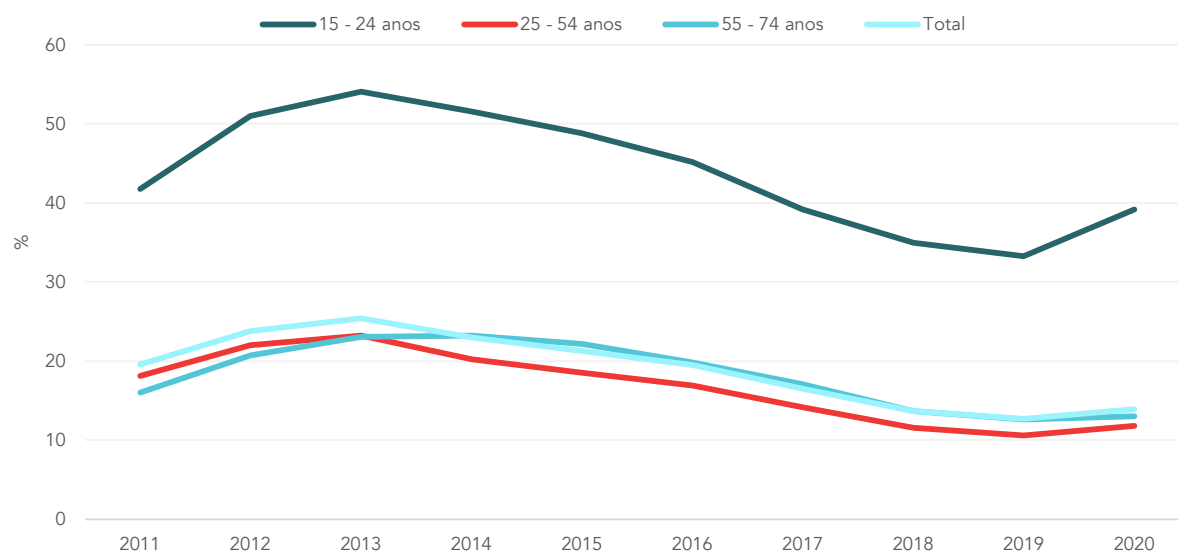
Em 2020, a taxa de desemprego jovem em Portugal, como se viu anteriormente, situava-se nos 22,6%. A taxa de subutilização da força do trabalho jovem, para o mesmo ano e mesmo escalão etário, corresponde a 39,2%, sendo, tanto em Portugal

como em vários países europeus, significativamente superior à taxa de desemprego (cerca de 16,6 p.p.).

A taxa de subutilização da força do trabalho jovem aumentou entre 2011 e 2013, ano a partir do qual começou a diminuir consecutivamente até 2019, tendo aumentado novamente em 2020, último ano em análise, seguindo uma tendência semelhante à da taxa de desemprego jovem.

A Figura 13 reporta a evolução da taxa de subutilização da força de trabalho jovem segundo o grupo etário em Portugal.

Figura 13. Evolução da taxa de subutilização da força de trabalho jovem, Portugal, segundo grupo etário, 2011-2020.



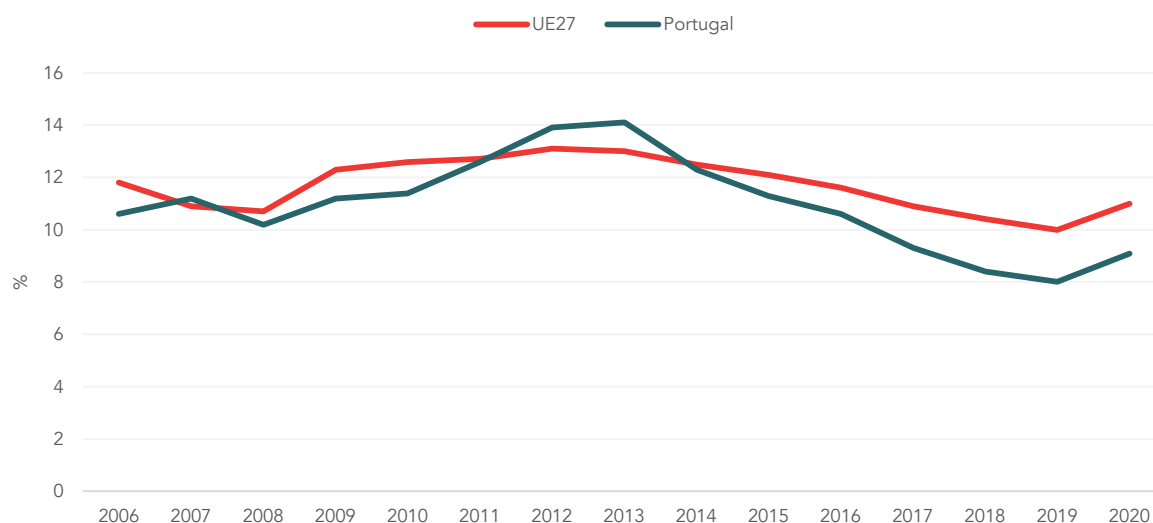
Embora o INE não disponibilize informação suficientemente detalhada em relação à incidência da subutilização laboral por grupo etário e, conseqüentemente, à subutilização da força do trabalho jovem, é possível constatar que os mais novos (15-24 anos) apresentam para este indicador valores muito acima do apurado para a média da população portuguesa e para os outros dois grupos analisados na Figura

13. Veja-se que, entre 2012 e 2014, mais de metade da população com idade entre 15 e os 24 anos encontrava-se numa situação de subutilização laboral, tendo a grandeza desse indicador diminuído de forma regular nos anos seguintes, à exceção do ano de 2020, em que volta a aumentar.

JOVENS NEM EMPREGADOS NEM EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (NEEF)

A Figura 14 apresenta a evolução da percentagem de jovens, indivíduos entre 15 e 24 anos, que não estão nem empregados nem em educação e formação (NEEF), em Portugal e na média da União Europeia, entre 2006 e 2020.

Figura 14. Evolução da % de jovens que não estão nem empregados nem em educação e formação (NEEF), Portugal e UE27, 2006-2020.

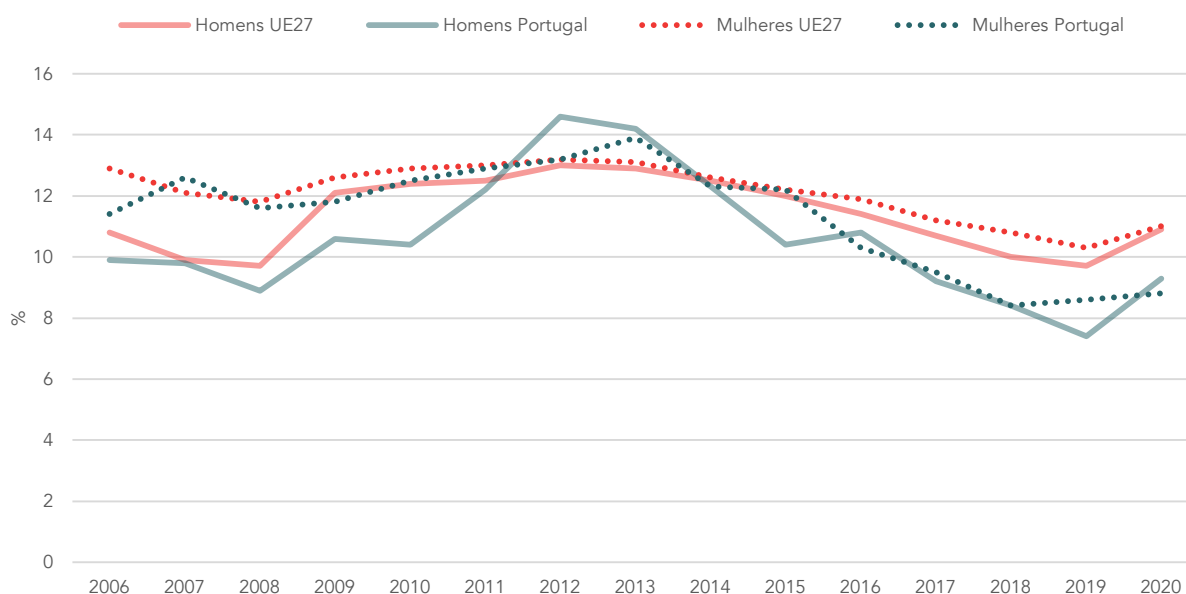


Desde 2012 no caso da União Europeia e desde 2013 no caso português que a percentagem de jovens que não estão nem empregados nem em educação e formação diminuiu consecutivamente até 2019, aumentando em 2020. Se em 2007 e em 2012 e 2013 Portugal apresentou percentagens superiores à média europeia, nos

restantes anos manteve-se sempre com valores inferiores, seguindo regra geral as tendências de aumento e redução.

A Figura 15 ilustra este indicador consoante o sexo. Em 2006, a disparidade consoante o sexo na percentagem de jovens que não estão nem empregados nem em educação e formação era evidente, com as mulheres a terem mais 1,5 p.p. em Portugal e mais 2,1 p.p. na média da União Europeia. Porém, essa diferença foi-se esbatendo, no caso europeu de forma continuada desde 2009 e em Portugal de maneira mais oscilante. De facto, em 2020 as mulheres apresentam mais 0,1 p.p. que os homens na UE27 e em Portugal são os homens que têm maior percentagem, com mais 0,5 p.p. que as mulheres.

Figura 15. Evolução da % de jovens que não estão nem empregados nem em educação e formação (NEEF), Portugal e UE27, por sexo, 2006-2020.



2 EMPREGO

O EMPREGO JOVEM EM PORTUGAL E NA EUROPA

Embora este estudo se foque no desemprego e na precariedade jovem registados em Portugal e na União Europeia, importa analisar brevemente a evolução do emprego jovem, de forma a melhor enquadrar os temas.

O Quadro 3 analisa a taxa de emprego jovem em Portugal, por sexo e por nível de escolaridade.

Quadro 3. Taxa de emprego jovem em Portugal, por sexo e nível de escolaridade, 2019 e 2020.

	Total			Homens			Mulheres		
	2019	2020	2020-2019 (p.p.)	2019	2020	2020-2019 (p.p.)	2019	2020	2020-2019 (p.p.)
Taxa emprego jovem									
15-24	28,	23,4	-4,6	30,4	25,5	-4,9	25,5	21,2	-4,3
25-29	81,	77,2	-3,8	81,0	76,5	-4,5	81,	77,8	-3,2
Com ensino superior									
15-24	48,4	40,4	-8,	45,4	34,5	-10,9	50,2	43,5	-6,7
25-29	82,	80,4	-1,6	78,7	74,8	-3,9	84,	84,5	0,5
Com ensino secundário									
15-24	38,2	31,4	-6,8	43,4	36,2	-7,2	33,	26,6	-6,4
25-29	83,	78,4	-4,6	82,3	80,	-2,3	83,8	76,4	-7,4
Com ensino básico									
15-24	13,8	10,7	-3,1	17,	14,1	-2,9	9,9	6,5	-3,4
25-29	74,9	65,	-9,9	81,1	71,7	-9,4	64,9	55,9	-9,0

A taxa de emprego jovem em Portugal diminuiu de uma forma geral de 2019 para 2020 em quase todos os segmentos analisados, exceto nas mulheres de 25-29 anos com o ensino superior concluído.

Em 2020, a taxa de emprego para jovens portugueses entre os 15 e os 24 anos situava-se nos 23,4% (menos 4,6 p.p. que o ano anterior), sendo o peso do emprego masculino (25,5%) superior ao feminino (21,2%). A taxa de emprego é superior para os jovens mais qualificados: para indivíduos com 15-24 anos com o ensino superior, a taxa situava-se nos 40,4% (mesmo tendo diminuído 8 p.p. relativamente a 2019); para os jovens com o ensino secundário, a taxa de emprego era de 31,4% (uma diminuição de 6,8 p.p. face a 2019) e com o ensino básico, de 10,7%. (menos 3,1 p.p.). No escalão dos 25-29 anos, a taxa de emprego era superior à do escalão dos 15-24 anos, registando 77,2% (menos 3,8 p.p. face a 2019). Neste subgrupo, em 2020, a taxa de emprego era ligeiramente mais alta para as mulheres (77,8%) do que para os homens (76,5%).

As mulheres com o ensino superior, independentemente do escalão etário, apresentam níveis de emprego superiores aos homens: nos 15-24 anos, respetivamente, 43,5% face a 34,5%; nos 25-29 anos, 84,5% face a 74,8%. Nos restantes níveis de qualificação, os homens continuam a revelar níveis de emprego superiores.

O Quadro 4 apresenta indicadores semelhantes aos do Quadro 3 mas relativos ao 1º trimestre de 2021, para os jovens de 16-24 anos.

Quadro 4. Taxa de emprego jovem em Portugal, por sexo e nível de escolaridade, 1º trimestre de 2021.

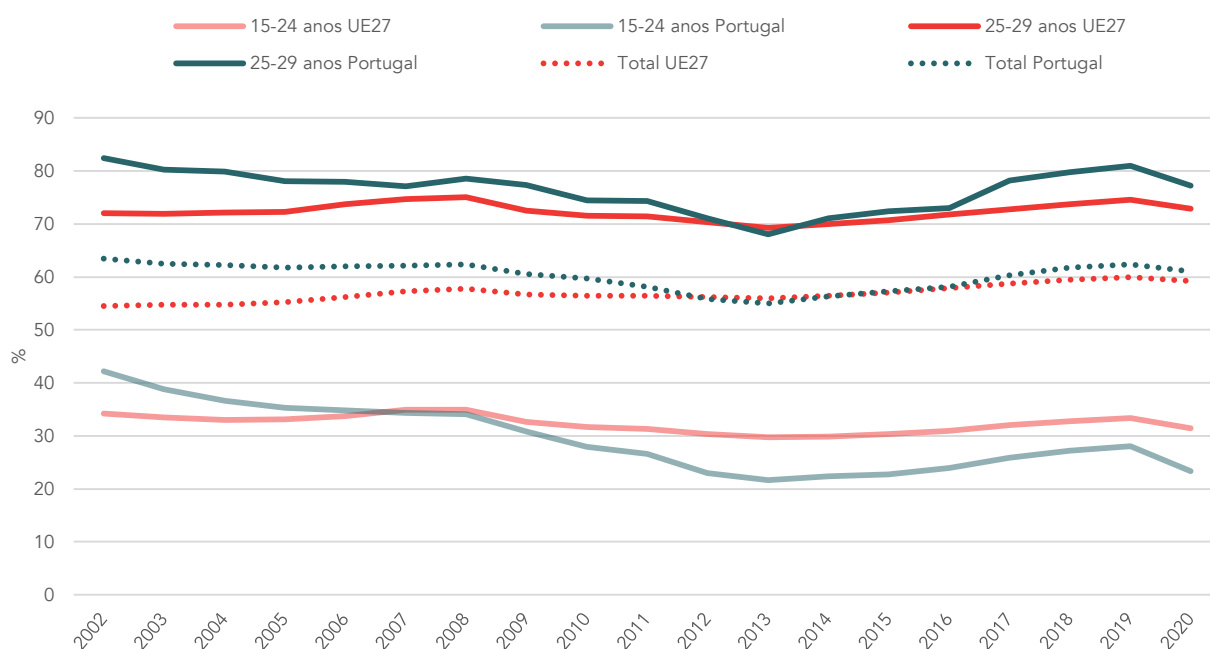
	Total	Homens	Mulheres
Taxa desemprego jovem	23,5	27,7	19,2
Com ensino superior	39,5	37,3	40,7
Com ensino secundário	29,5	38,1	20,2
Com ensino básico	9,2	12,9	5

A taxa de emprego jovem no 1º trimestre de 2021 parece confirmar a tendência de diminuição verificada em 2020, com menos 3 p.p. que o 1º trimestre de 2020. De

notar o aumento da diferença entre homens e mulheres neste período, cuja diferença de pontos percentuais é de 8,5, tendo os homens maiores taxas de empregabilidade em todos os níveis de escolaridade, exceto no ensino superior, em que as mulheres mantêm taxas de emprego mais elevadas.

A Figura 16 apresenta a evolução da taxa de emprego jovem, de indivíduos com 15-24 anos e com 25-29 anos, bem como a taxa de emprego total, para Portugal e para a média da União Europeia, entre 2002 e 2020.

Figura 16. Evolução da taxa de emprego jovem e da taxa de emprego total, Portugal e UE27, 2002-2020



Nas três taxas de emprego diferentes representadas na Figura 16, Portugal apresenta em todas as vezes valores superiores aos da média da União Europeia em 2002. Existiu uma aproximação aos valores europeus ao longo de diferentes momentos do período analisado, no caso da taxa de emprego do segmento 15-24 anos, em 2020 a taxa portuguesa era inferior à da UE27, com menos 8,1 p.p.. No entanto, a taxa de emprego no segmento dos 25-29 anos era superior em 4,3 p.p. e a taxa de emprego total era igualmente superior, apresentando Portugal mais 1,9 p.p. que a UE27.

Em 2020, em Portugal, a taxa de emprego mais baixa é a da população com 15-24 anos, que varia significativamente face às restantes (menos 53,8 p.p. que o segmento 25-29 anos e menos 37,7 p.p. que a taxa de emprego total). O mesmo se verifica na UE27, com 41,4 p.p. a separar as taxas de emprego da população com 25-29 anos e 15-24 anos, apresentando esta última menos 27,7 p.p. que a taxa de emprego total. De notar também que a taxa de emprego da população com 25-29 anos é superior à taxa de emprego total.

Este ponto é dedicado ao tema da precariedade laboral tendo como referência os indicadores: contratos temporários, trabalho a tempo parcial, contratos temporários involuntários e trabalho a tempo parcial involuntário. Os últimos dois indicadores correspondem à proporção de indivíduos na respetiva situação contratual por não encontrarem trabalhos permanentes ou a *full-time*. Neste ponto são caracterizadas algumas das principais tendências de evolução destas modalidades contratuais, em Portugal e na Europa, no grupo dos jovens dos 15 aos 24 anos.

TRABALHO TEMPORÁRIO E TRABALHO A TEMPO PARCIAL EM PORTUGAL

O Eurostat inclui como trabalho temporário todos os contratos a termo (ou seja, contratos não permanentes) – um trabalho pode ser classificado como temporário (e o seu titular como trabalhador temporário) se estiver estipulado um prazo de duração do contrato e a indicação do seu termo. Este tipo de contrato segue determinadas regras, como por exemplo, a existência de uma data específica até à conclusão de uma atividade ou tarefa, ou que a sua duração aconteça por todo o tempo necessário à substituição do trabalhador ausente. Em situação de contratos de trabalho involuntário estão todos aqueles indivíduos que declaram ter contratos temporários porque não conseguiram arranjar um trabalho de carácter permanente.

Em Portugal (Quadro 5), constata-se que, entre os anos de 2019 e 2020, a proporção de jovens portugueses em contratos temporários e em trabalho parcial diminuiu. No ano de 2020, mais de metade dos jovens entre os 15 e 24 anos tinham um contrato temporário de trabalho (56%, menos 6,2 p.p. que no ano anterior).

Em 2020, 61% das mulheres jovens e 52% dos homens jovens estaria empregada de forma temporária. Ambos os sexos registaram uma diminuição desta situação contratual face a 2019, tendo esta sido mais expressiva no caso dos homens, menos 8,3 p.p. face a menos 3,4 p.p. das mulheres. A diferença entre sexos aumenta entre 2019 e 2020, passando a ser de 10 p.p..

Os jovens podem estar em trabalho temporário por: não quererem um trabalho permanente; não conseguirem encontrar um trabalho com contrato sem termo; período experimental ou estarem em educação e treino, como é o caso dos estágios profissionais. Como se observa no Quadro 5, o motivo mais frequente é a incapacidade em encontrar um trabalho permanente. Os contratos temporários de forma involuntária registaram uma diminuição entre 2019 e 2020, menos 2,4 p.p., situando-se a proporção de jovens nesta situação nos 66%. Nesta modalidade estavam cerca de 67% dos homens jovens, um valor estável face a 2019, e 64% das mulheres jovens, um valor que decresceu 4,7 p.p..

Quadro 5. Jovens em contratos temporários e trabalho a tempo parcial, em 2019 e 2020, em Portugal

	Total		Homens		Mulheres	
	2019	2020	2019	2020	2019	2020
Contratos temporários	62,2	56	60	51,7	64,8	61,4
Não quis um trabalho permanente	10,7	12	8,8	12	12,8	11,9
Não conseguiu encontrar um trabalho permanente	68,2	65,8	67,5	67,2	68,9	64,2
Período experimental	9,7	10,2	10,3	11,4	8,9	8,9
Em educação e treino	11,5	12,1	13,4	9,4	9,3	14,9
Tempo parcial (<i>part-time</i>)	20,8	19,6	14,8	14,5	28,3	25,8
Involuntariamente	43,7	44,4	38,3	40,5	46,3	46,3
Razões pessoais ou familiares	4,8	4,6	–	–	6,1	5,6
Prestação de cuidados a adultos com incapacidades ou crianças	4,2	5,3	–	–	5,8	6,9
Em educação e treino	10,5	9,6	13,7	12	8,8	8,4
Doença ou incapacidade do próprio	7,1	5,4	7,7	5,9	6,9	5,1
Outros	29,7	30,7	37,1	36,9	12,1	16

As restantes razões registaram um aumento entre 2019 e 2020, com destaque para quem trabalha voluntariamente em situação temporária (12%, mais 1,3 p.p.) Também aumentaram as mulheres nesta situação por estarem em educação e treino (mais 4,6 p.p.) e decresceram os homens (menos 4,0 p.p.).

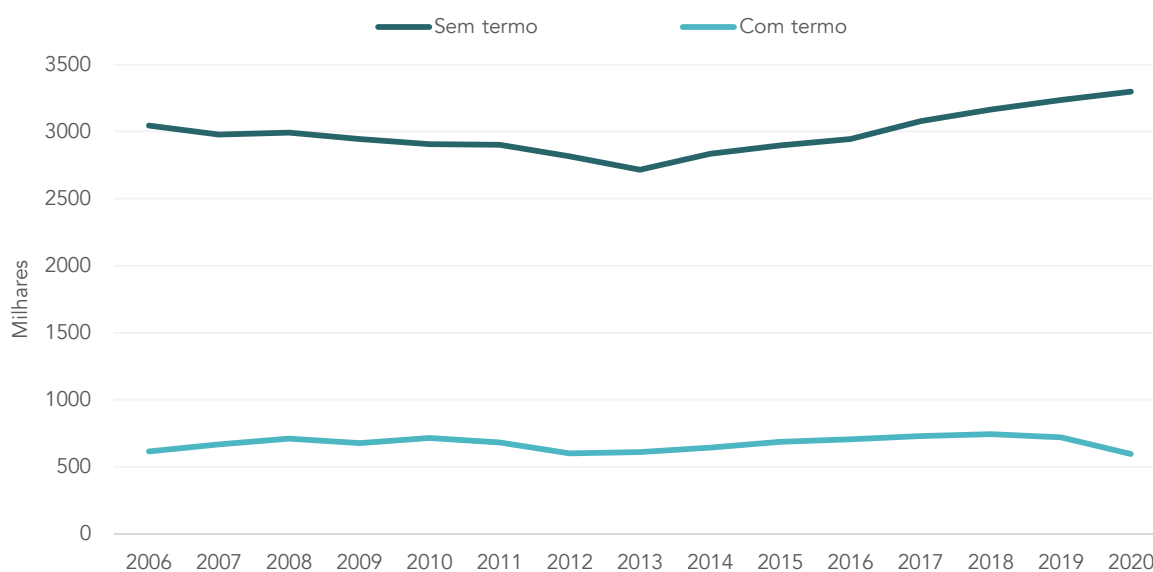
Em 2020, 20% dos jovens entre os 15 e 24 anos encontravam-se trabalhar a tempo parcial, tendo decrescido cerca de 1 p.p. face a 2019. Destes, 44% declararam estar em part-time por não ter encontrado um trabalho a full-time, mais 0,7 p.p. do que em 2019.

Por sexo, constata-se que as mulheres estão proporcionalmente mais representadas do que os homens nesta situação de trabalho a tempo parcial, respetivamente, 26% e 15% em 2020. Destas, 46% estão involuntariamente nesta situação face a 41% dos homens. Destaca-se ainda que a razão prestação de cuidados a adultos com incapacidades ou crianças aumentou entre 2019 e 2020 (mais 1.1 p.p.), igualmente no caso das mulheres. Os homens não apresentam dados referentes a este motivo. A razão doença ou incapacidade do próprio também registou um aumento de cerca de 2 p.p..

A diminuição dos contratos temporários acompanha igualmente a diminuição dos contratos com termo na população de trabalhadores em geral. A Figura 17 apresenta a evolução dos trabalhadores por conta de outrem por tipo de contrato – sem termo ou com termo. Os contratos sem termo registaram uma tendência decrescente até 2013 e voltaram a aumentar desde 2014 até 2020. Estas tendências acompanham a descida do desemprego jovens nos últimos anos que, em parte, foi conseguida devido ao aumento dos contratos temporários ou sem termo. Os contratos com termo no total registam um valor estável ao longo do período de análise, entre os 616 mil em 2006 e os 595 mil em 2020. No ano de 2018 registou-se o maior número

de contratos com termo 745 mil, o qual diminuiu para 718 mil em 2019 e ainda se contabiliza menos 123 mil em 2020. Esta foi a descida mais expressiva nos últimos anos. Esta diminuição é também reflexo do aumento da taxa de desemprego e do desemprego registado em 2020, como se observa nas Figuras 3 e 7 na secção do desemprego.

Figura 17. Trabalhadores por conta de outrem, por tipo de contrato, Portugal, 2006-2020



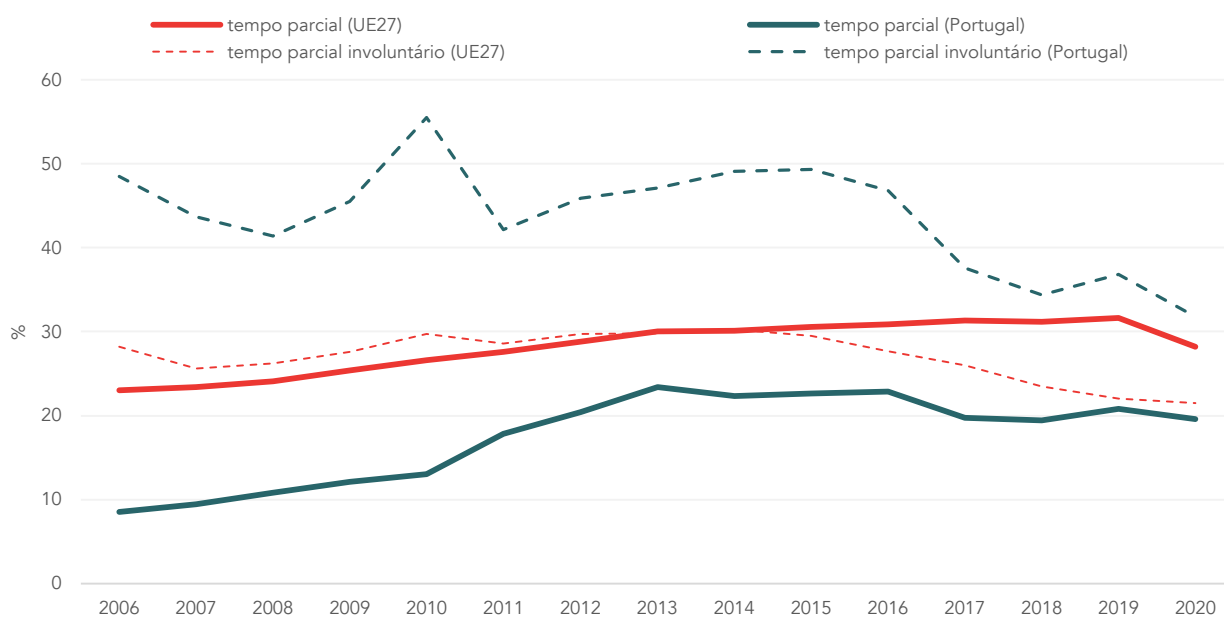
A EVOLUÇÃO DO TRABALHO TEMPORÁRIO E A TEMPO PARCIAL EM PORTUGAL E NA UNIÃO EUROPEIA

A evolução da proporção de jovens com trabalho a tempo parcial em Portugal, entre 2006 e 2020, foi sempre superior à média da UE27 (Figura 18). Entre 2006 e 2020, o peso do trabalho *part-time* nos indivíduos entre os 15 e 24 anos em Portugal subiu cerca de 11 p.p. (de 9% para 20%) e a média europeia aumentou 5 p.p. (de 23% para 28%). No entanto, enquanto em Portugal o valor aumentou progressivamente entre 2006 e 2013 e desde este ano até 2020 o valor manteve-se estável (máximo 23% e

mínimo 20% em 2020), na UE27 o valor cresceu progressivamente até 2019 e decresceu 3 p.p. em 2020.

No que diz respeito aos jovens em trabalho a tempo parcial involuntariamente, embora muito acima da média europeia, o peso desta modalidade tem vindo a diminuir: entre 2011 e 2020, apesar de um ligeiro aumento em 2019, o indicador diminuiu 24 p.p. (de 56% para 32%). Os jovens europeus em *part-time* têm igualmente decrescido, particularmente entre 2014 e 2020, menos 8 p.p., de 30% para 22%.

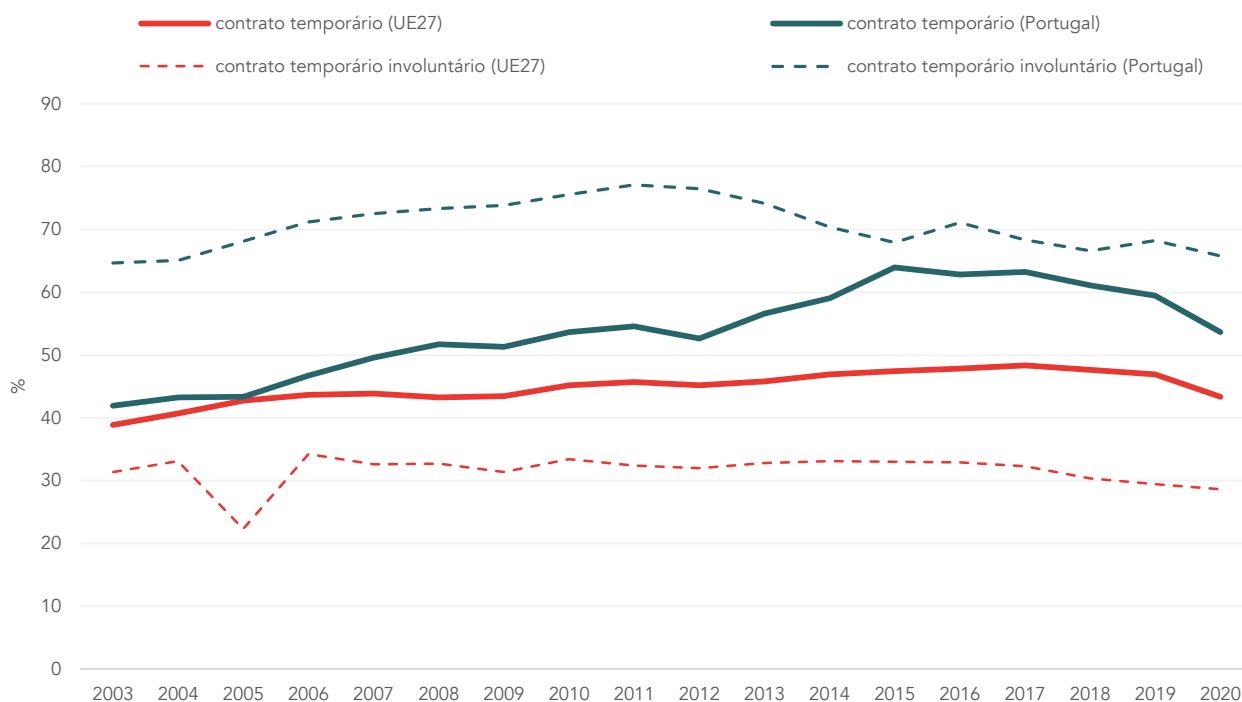
Figura 18. Evolução de jovens a trabalhar a tempo parcial e proporção de indivíduos nessa situação de forma involuntária, em Portugal e na UE27, entre 2006 e 2020.



Como se pode constatar pela comparação das Figuras 18 e 19, os jovens portugueses posicionam-se bastante acima da média europeia no que toca ao trabalho temporário, contrariamente ao trabalho a tempo parcial. Na Figura 19, observa-se que esta modalidade de trabalho a tempo parcial subiu entre 2006 e 2015 (com exceção de 2012) e decresceu de 2015 a 2020: no primeiro momento subiu 17 p.p. e no segundo decresceu 10 p.p. Em 2020 existiam, portanto, cerca de 54% de jovens portugueses com contratos temporários. Na UE27 a proporção de jovens europeus

nesta situação contratual é mais reduzida e regista um valor estável ao longo do período em análise: em 2016 registou os 48%, valor mais elevado, e em 2020 os 43%, valor mínimo. Evidencia-se ainda que a evolução dos jovens com contratos temporários segue, até certo ponto, a tendência do desemprego registado e taxa de desemprego jovem, o que se deve aos contratos temporários (ou com termo) constituírem a proporção maioritária do tipo de contrato auferido pelos jovens. Portanto, quando o desemprego jovem aumenta os contratos temporários tendem a ser os mais afetados.

Figura 19. Evolução de jovens a contratos temporários e proporção de indivíduos nessa situação de forma involuntária, em Portugal e na UE27, entre 2006 e 2020.



No que diz respeito aos jovens a trabalhar temporariamente de forma involuntária, o indicador revela um aumento relativamente constante de 2006 a 2011 (mais 6 p.p.), e, desde esse ano até 2020, seguiu-se um decréscimo geral (menos 11 p.p.). 66% dos jovens portugueses com contratos temporários de trabalho declarou que estaria nessa situação por não ter encontrado emprego permanente. No contexto europeu

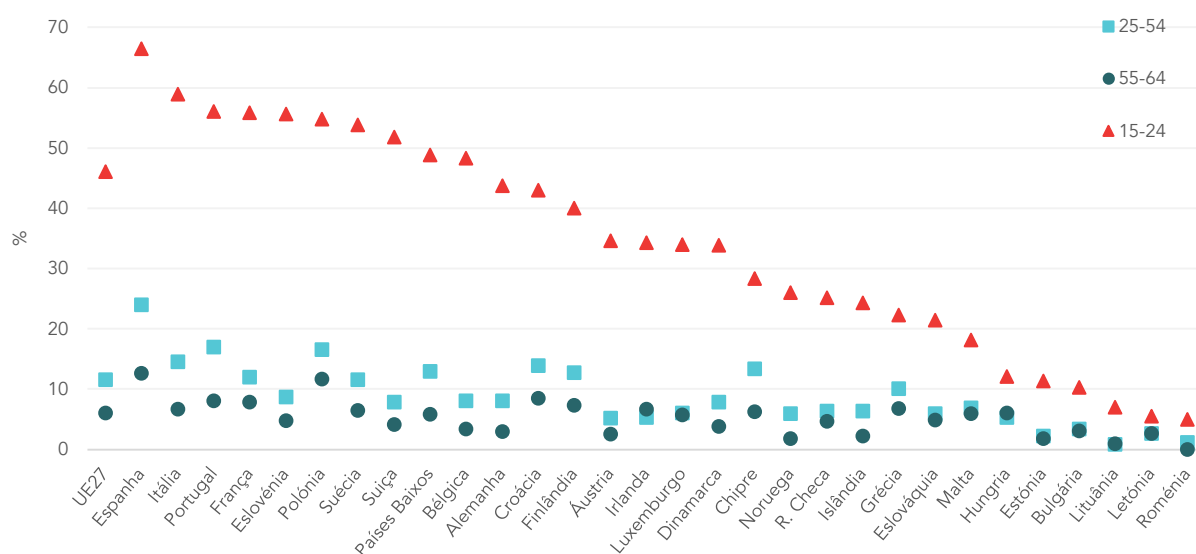
este número é muito mais reduzido, apresentando um valor constante, alcançando a proporção mais baixa em 2020 (29%).

TRABALHO TEMPORÁRIO E TRABALHO A TEMPO PARCIAL NA EUROPA

Na maioria dos países da UE27, os jovens dos 15 aos 24 anos são o escalão etário mais afetado pelo trabalho temporário e pelo trabalho a tempo parcial. E também a maioria destes países registou uma diminuição dos jovens nestas situações contratuais, particularmente entre 2019 e 2020.

No que diz respeito aos contratos temporários, verifica-se que, em todos os países da UE27, são os jovens entre os 15 e os 24 anos que apresentam uma maior proporção de indivíduos nesta situação (Figura 20). O dado mais significativo prende-se, no entanto, com a amplitude bastante variável da incidência dos contratos temporários entre os mais jovens no seio dos países europeus. Portugal é o terceiro dos países analisados em que os jovens com idade entre os 15-24 anos são mais intensamente contratados temporariamente: 56% para uma média de 46% no conjunto da UE27.

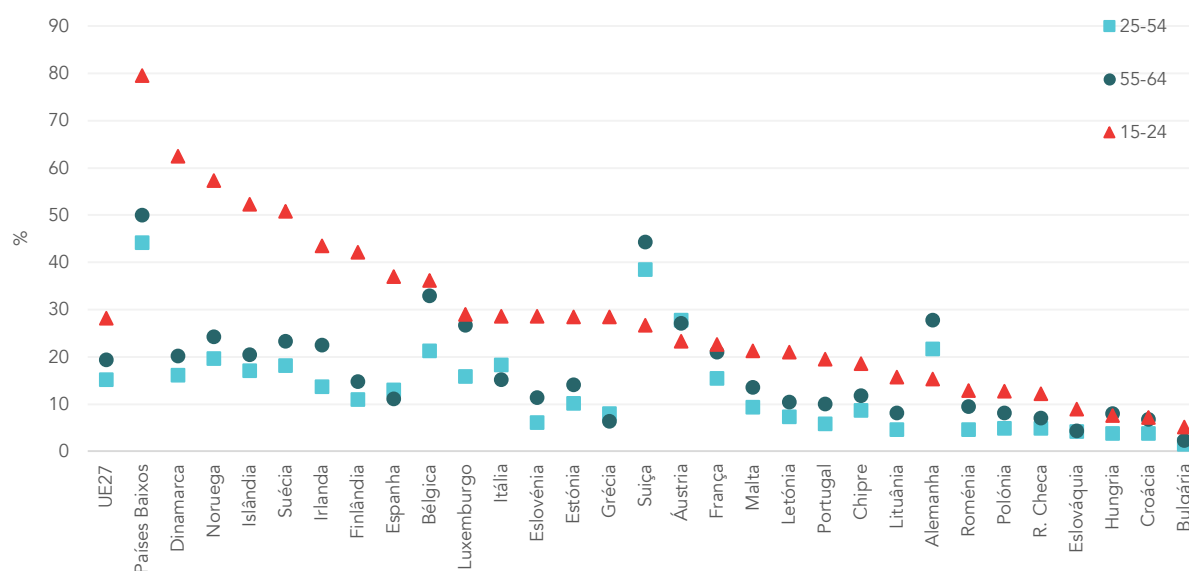
Figura 20. Trabalhadores com contratos temporários, UE27, por grupo etário, 2020



Na Irlanda, na Hungria e na Lituânia o grupo etário dos trabalhadores com idade entre os 55-64 anos tem para este indicador valores mais elevados do que o dos 25-54 anos. E na Roménia e na Letónia os grupos etários têm distribuições proporcionais de trabalhadores temporários semelhantes.

A incidência do trabalho a tempo parcial é também mais elevada na população com idade entre os 15-24 anos do que nos restantes escalões etários (Figura 21). No conjunto de países considerados, a relação entre o grupo etário e a incidência do trabalho a tempo parcial não é linear, já que este regime laboral assume uma amplitude um pouco mais elevada na população com idade entre os 55-64 anos do que no grupo etário intermédio. Entre os países que não seguem esta tendência, estão a Suíça, a Áustria e a Alemanha, com, respetivamente, 44%, 27% e 28% na faixa etária 55 aos 64 anos; 39%, 28% e 22% na faixa etária dos 25 aos 54 anos e 27%, 24% e 15% na faixa mais jovem, dos 15 aos 24 anos. Existe ainda um grupo de países com proporções muito semelhantes entre grupos.

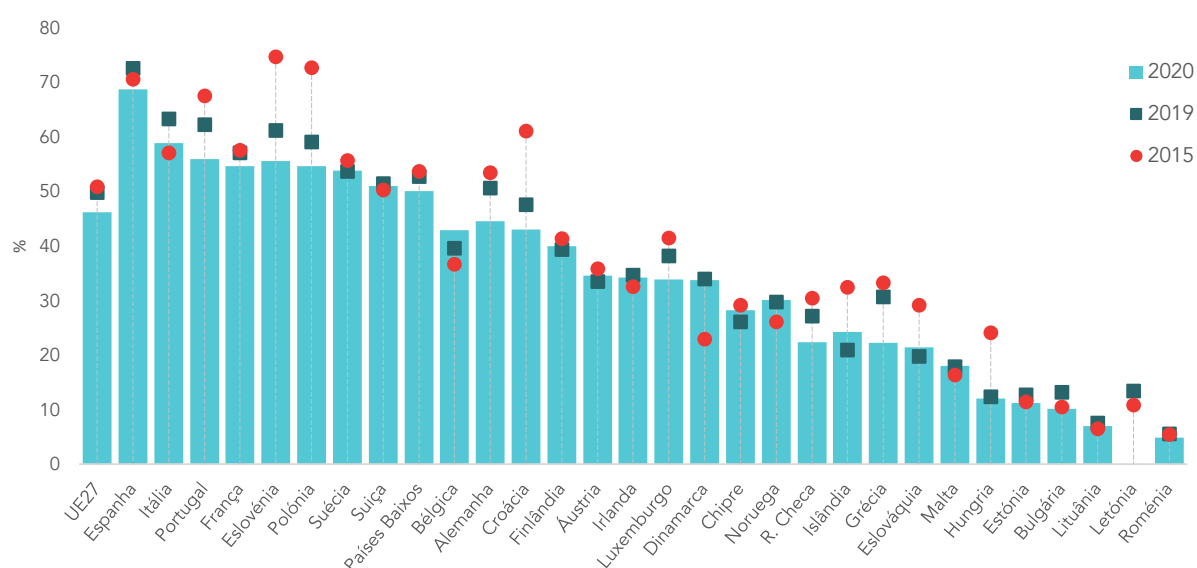
Figura 21. Trabalhadores a tempo parcial, UE27, por grupo etário, 2020



Em 2020 cerca de 46% dos trabalhadores jovens europeus tinham contratos de trabalho temporário, menos 3,6 p.p. face a 2019 e menos 4,7 p.p. face a 2015. Os únicos países que não revelam esta tendência decrescente entre 2015 e 2020 são a Bélgica, Dinamarca e Malta. Entre 2019 e 2020 também alguns países registaram um aumento, além dos mencionados: a Finlândia, a Áustria, o Chipre, a Islândia e a Eslováquia (Figura 22).

Observa-se que a proporção de jovens a trabalhar com contratos temporários era superior à média da UE27 em Espanha, Itália, Portugal, França, Eslovénia, Polónia, Suécia, Suíça e Países Baixos. A Espanha era o país com mais jovens, entre 15 e 24 anos, com contratos temporários (69%, menos 3,8 p.p. face a 2019 e menos 1,9 p.p. face a 2015, o que demonstra que este valor não tem uma evolução regular). No extremo oposto da Figura 22 verifica-se que os países com menor proporção de jovens nesta situação contratual são a Roménia, a Lituânia, a Bulgária, a Estónia e a Hungria, com valores inferiores a 15% e relativamente estáveis nos três anos em análise.

Figura 22. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos temporários, na UE27, em 2020, 2019 e 2015

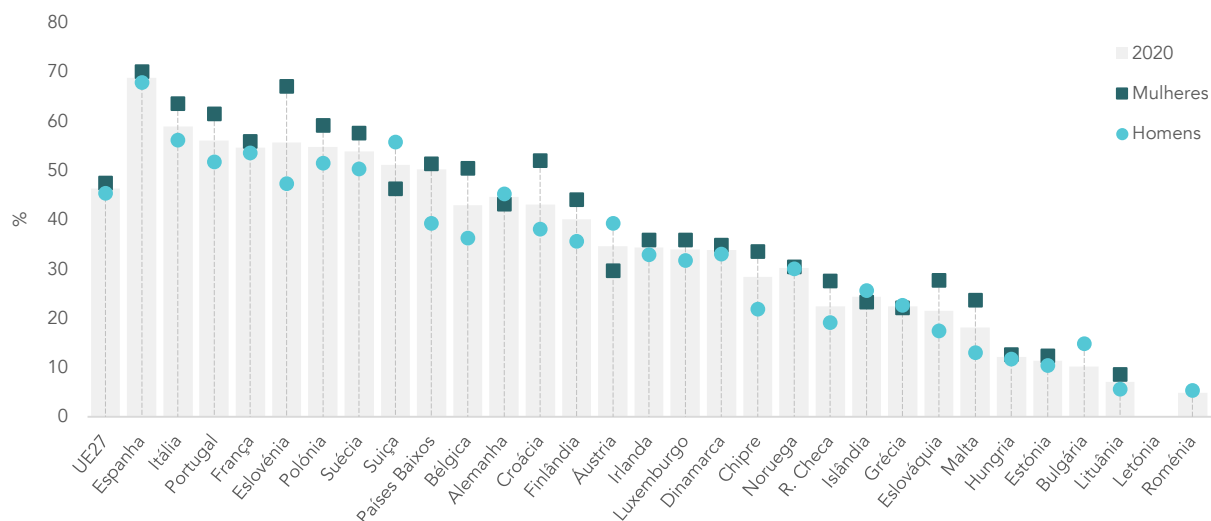


Entre 2019 e 2020, neste escalão etário jovem, a diminuição da proporção de jovens com contratos temporários é particularmente notória nos seguintes países: Grécia (menos 8 p.p.), Portugal (menos 6,2 p.p.) e Alemanha (menos 6 p.p.). Contrariamente, com um aumento entre estes anos, estão a Islândia (mais 3,4 p.p.) e a Bélgica (mais 3,3 p.p.). Considerando a evolução entre 2015 e 2020, as diminuições mais significativas no espaço europeu da proporção de jovens em trabalho temporário foi na Eslovénia (menos 19 p.p.), na Polónia e na Croácia (menos 18 p.p. ambos). No entanto, ambos continuam com uma proporção de jovens nesta situação contratual superior à UE27. A maior subida foi a Dinamarca e a Bélgica, com, respetivamente, mais 6 p.p. e mais 11 p.p., registando em 2020 43% e 34% de jovens em trabalho temporário.

Na Figura 23 observa-se a proporção de jovens entre os 15 e os 24 com contratos temporários nos países europeus, por sexo. No geral verifica-se que, tendencialmente, as mulheres jovens têm proporcionalmente mais contratos temporários do que os homens. Em 2020, cerca de 47% das mulheres europeias tinham um contrato temporário face a 45% dos homens europeus.

Os países europeus que revelam uma maior disparidade entre os sexos no que diz respeito à situação contratual dos jovens são, com as respetivas diferenças percentuais: a Eslovénia (20 p.p.), a Bélgica (14 p.p.), a Croácia (14 p.p.), os Países Baixos (12 p.p.) e o Chipre (12 p.p.). Os países com uma diferença entre sexos quase nula são a Hungria e a Noruega, respetivamente 0,9 p.p. e 0,4 p.p.. Por fim, importa evidenciar que na Suíça, na Áustria, na Islândia e na Grécia são os homens jovens que têm uma maior proporção de contratos temporários.

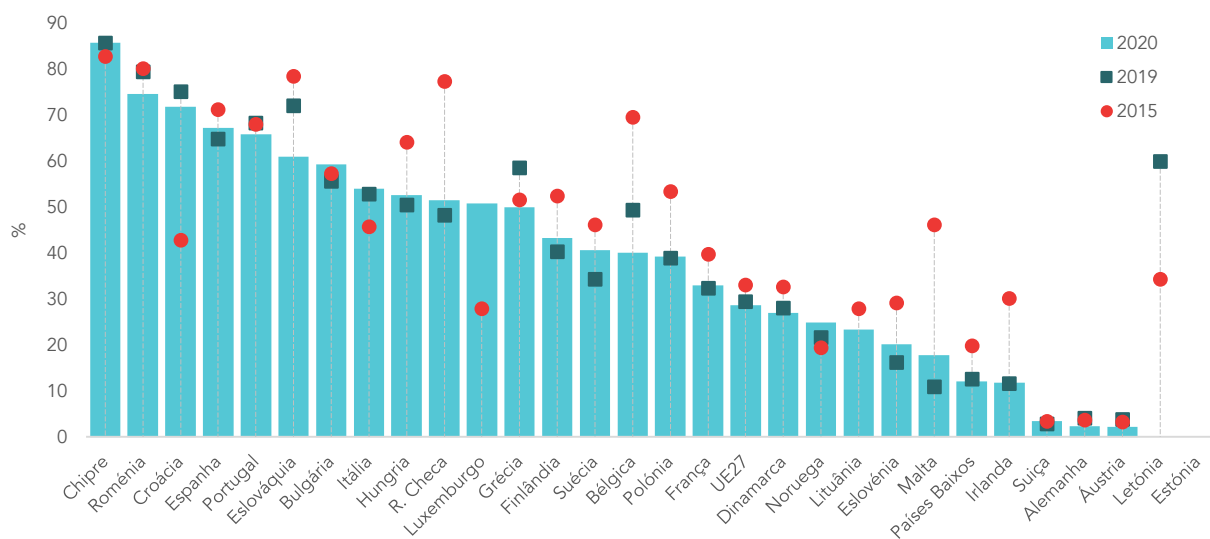
Figura 23. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos temporários, por sexo, na UE27, em 2020.



Na Figura 24 apresenta-se a proporção de jovens que estão em situação contratual temporária de forma involuntária. Em 2020, a maioria dos países europeus apresentavam uma proporção de jovens em trabalho temporário de modo involuntário mais elevado que a média da UE27.

Existem diferenças muito evidentes entre estados-membros também no que diz respeito a este último indicador: Chipre (86%), Roménia (75%); Croácia (72%), Espanha (67%) e Portugal (66%) possuem os valores mais altos de indivíduos entre os 15 e 24 anos a trabalhar com contratos temporários involuntários. Na situação inversa, com a menor proporção de jovens com trabalho temporário involuntário estão a Áustria (2%), a Alemanha (2%) e a Suíça (3%). Importa evidenciar que os dois últimos países tinham em 2020 cerca de 45% e 51% de jovens em trabalho temporário e apenas 2% e 3% destes trabalham de forma involuntária. No sentido oposto deste, encontra-se a Roménia onde o peso do trabalho temporário é relativamente baixo (5%), mas o valor do trabalho temporário involuntário é dos mais altos da União Europeia (75%).

Figura 24. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos temporários involuntários, na UE27, em 2020, 2019 e 2015.

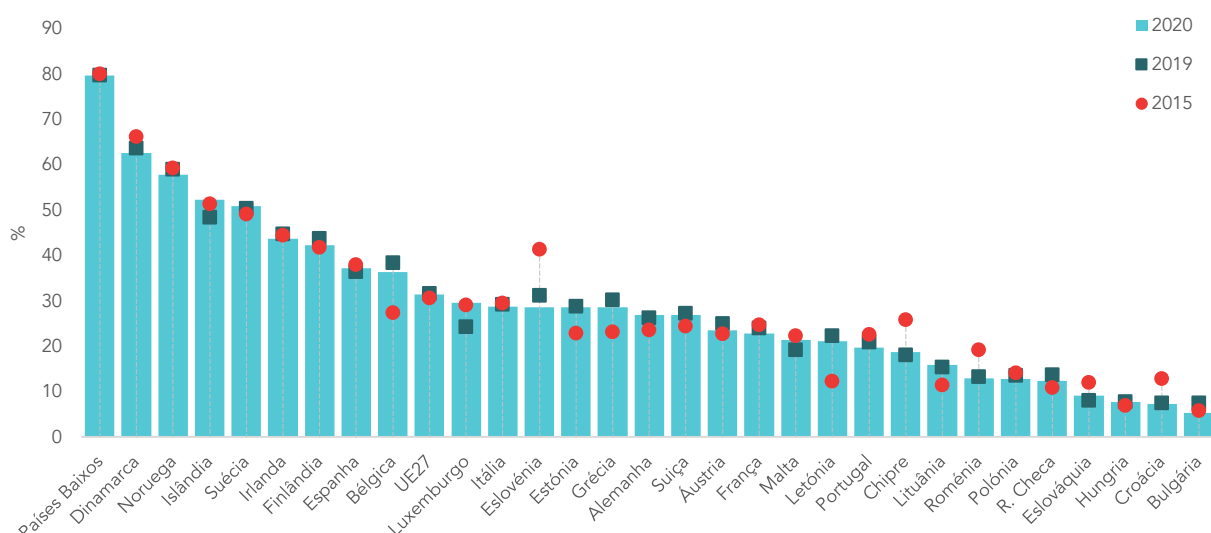


Em comparação com 2015, verifica-se que na maioria dos países houve uma redução dos jovens a trabalhar temporariamente de modo involuntário, apresentando em 2020 proporções mais reduzidas, com exceção da Croácia, Chipre, Bulgária, Itália e Noruega. Contudo, entre 2019 e 2020, houve um aumento proporcional em 14 dos 25 países considerados, destacando-se Malta (mais 6,9 p.p.), o que corresponde a 18% de jovens com contratos involuntários. Contrariamente, o país que registou uma diminuição mais acentuada entre estes anos foi a Eslováquia (menos 11 p.p.), correspondendo a 61% de jovens em trabalho temporário.

A par do trabalho temporário, situações de trabalho parcial são uma das modalidades a que muitos jovens recorrem como forma de conciliar trabalho e os estudos. Tal como o trabalho temporário, também esta modalidade tem vindo a ganhar dimensão junto dos jovens europeus nos últimos 10 anos. Em 2015, na União Europeia, a taxa de trabalho a tempo parcial nos indivíduos dos 15 aos 24 anos era de 31% (Figura 25). Esta proporção manteve-se estável até 2020.

Entre os países europeus onde o peso do *part-time* nos jovens era maior, destaque para a Holanda, onde 80% dos jovens estavam nesta situação contratual, valor igualmente estável nos anos mais recentes (2020 e 2019). Existem ainda um conjunto de países com proporções de jovens em *part-time* superior à média europeia: Dinamarca (63%), Noruega (58%), Islândia (53%), Suécia (51%), Irlanda (44%), Finlândia (42%), Espanha (37%) e Bélgica (36%). Destes, os que registaram um maior aumento da proporção foi a Islândia (mais 4 p.p. entre 2019 e 2020) e a Bélgica (mais 9 p.p. entre 2015 e 2019). Os restantes apresentam valores mais constantes ou com aumentos na ordem dos 1 a 2 pontos percentuais. A Bulgária (5%), a Croácia (7%), a Hungria (8%) e a Eslováquia (9%) foram os países europeus com os valores mais baixos em 2020. Destes destaca-se a Croácia pela redução em cerca de 6 p.p. entre 2015 e 2020. Por último, importa referir que é a Eslovénia que apresenta o decréscimo mais significativo entre 2015 e 2020 (menos 13 p.p.).

Figura 25. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos a tempo parcial, na UE27, em 2020, 2019 e 2015.

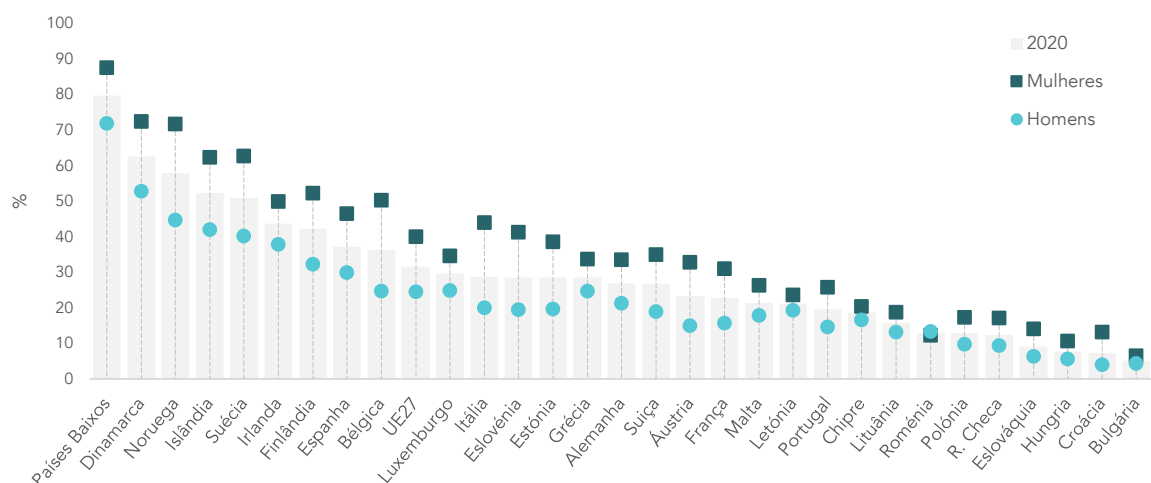


Na Figura 26 observa-se a proporção de jovens entre os 15 e os 24 em trabalho parcial nos países europeus, por sexo. Observa-se que as mulheres jovens trabalham mais a tempo parcial do que os homens. Em 2020, cerca de 40% das mulheres

européias tinham um contrato de part-time face a 24% dos homens europeus. A distância entre os sexos é maior do que nos contratos temporários (16 p.p.).

Os países europeus que revelam uma maior disparidade entre sexos no que diz respeito à situação contratual dos jovens são, com as respetivas diferenças percentuais: a Noruega (27 p.p.), a Bélgica (26 p.p.) e a Itália (24 p.p.). Complementarmente, a Dinamarca, a Islândia, a Suécia, a Finlândia e a Eslovénia apresentam também uma diferença entre os grupos superior a 20 p.p.. Os países com uma menor diferença são a Roménia (1 p.p.), sendo este o único país em que os homens jovens têm proporcionalmente mais contratos a tempo parcial do que as mulheres, e a Bulgária (2 p.p.)

Figura 236. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos a tempo parcial, por sexo, na UE27, em 2020.



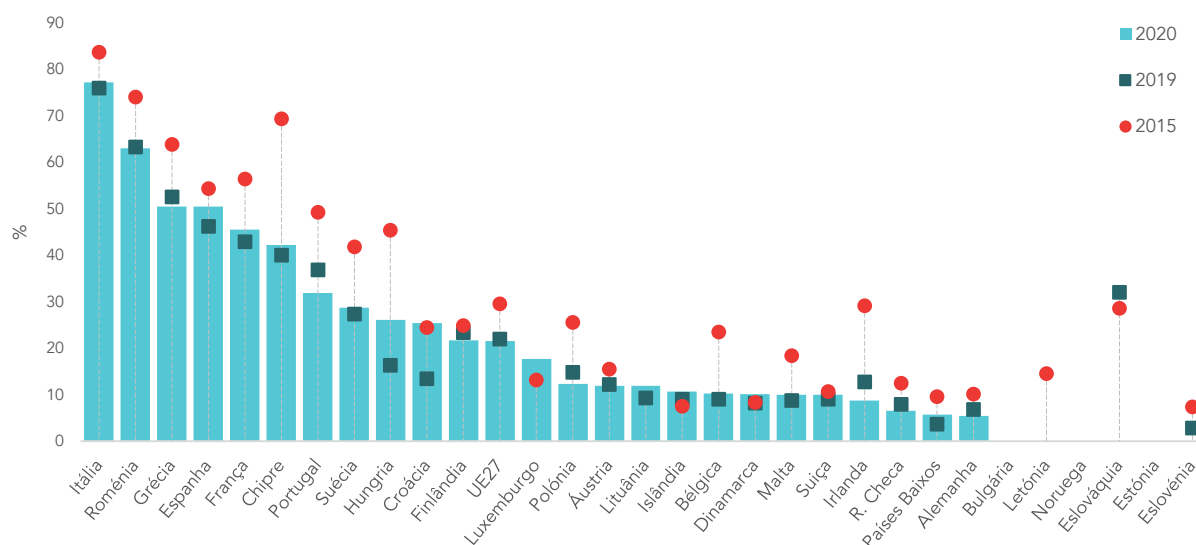
Quando se observa o trabalho a tempo parcial involuntário (Figura 27) constata-se que a posição dos países se altera: é na Itália é onde se regista a maior percentagem de jovens a trabalhar a tempo parcial involuntário (77%). Por sua vez, os Países Baixos, onde este tipo de situação contratual está mais presente, regista dos valores mais baixos da Europa (6%) no que respeita a trabalho parcial involuntário. Na situação

inversa está a Roménia, com apenas 13% de jovens em *part-time*, porém mais de metade destes (63%) estão nesta situação involuntariamente.

Embora anos anteriores a 2015 revelem uma tendência crescente da proporção de jovens europeus a trabalhar a tempo parcial de forma involuntária (por exemplo, a média europeia subiu de 26,1%, em 2008, para 28%, em 2015, mais 1,9 p.p.), constata-se que os dados mais recentes apresentam valores claramente mais baixos (a média europeia decresceu cerca de 8 p.p. entre 2015 e 2020).

Entre os países que revelaram diminuições mais significativas entre 2015 e 2020, destacam-se a Eslováquia (menos 29 p.p.), o Chipre (menos 27 p.p.) e a Irlanda (menos 21 p.p.). Apesar da maioria dos países registarem em 2020 proporções de jovens em trabalho parcial involuntário mais baixas do que em 2015, entre os últimos dois anos muitos países europeus registaram um novo aumento, embora com valores inferiores a 2015, destacando-se: a Hungria (mais 10 p.p.) e a Espanha (mais 4 p.p.).

Figura 27. Proporção de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos a tempo parcial involuntários, na UE27, em 2020, 2019 e 2015.



A figura 28 permite observar a relação entre o trabalho temporário involuntário e o trabalho a tempo parcial involuntário. A maior percentagem de jovens entre os 15 e os 24 anos com contratos temporários involuntários encontram em países como Chipre (86%), Roménia (75%), Croácia (72%) e Espanha (67%), sendo que uma parte destes países, com exceção da Croácia, têm a maioria dos seus jovens a trabalhar a tempo parcial involuntariamente. No mesmo sentido, os países com uma proporção maioritária de jovens em trabalho a tempo parcial involuntariamente têm, tendencialmente, a maioria dos jovens que trabalham com contratos temporários por não encontrarem um trabalho permanente. Como é o caso de Itália (77% - 54%) e da Grécia (50% - 50%).

Portugal é o quinto país com os maiores níveis de trabalho temporário involuntário e o sétimo com mais jovens a trabalhar em *part-time* por falta de alternativas. E como se observa na Figura 28, o conjunto de países está acima da média europeia nos dois indicadores é o que revela que estas condições contratuais afetam um grande número de jovens trabalhadores na maioria dos países europeus.

Por fim, observa-se que existe, modo geral, três grupos de países: (i) um primeiro constituído principalmente por países da Europa central – Alemanha, Suíça, Áustria, Irlanda, Países Baixos, Malta, Dinamarca e Lituânia – com proporções de jovens em trabalho a tempo parcial e temporário involuntários reduzidas, inferiores aos valores registados pela UE27; (ii) um segundo grupo marcado por valores intermédios para ambos os indicadores, onde se incluem a Polónia, a Bélgica, a República Checa e o Luxemburgo – com valores inferiores à UE27 no indicador do trabalho a tempo parcial involuntário, mas superiores à UE27 no que diz respeito à proporção de jovens em contratos temporários – e Finlândia, Hungria e Suécia - com valores superiores à UE27 em ambos os indicadores; (iii) por fim, um terceiro grupo composto principalmente pelos países da Europa do Sul – Portugal, Grécia, Espanha e Itália – e França, Croácia

e Chipre com valores bastante superiores à UE27 e com pelo menos um dos indicadores com uma proporção de jovens superior a 50%.

Figura 28. Relação entre trabalho temporário involuntário e trabalho a tempo parcial involuntário, 15-24 anos, 2020

